



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MIGUEL NUNES ALVES**

**Fé e incredulidade no Evangelho segundo João**  
**Decisão e responsabilidade**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Luísa Almendra

**Lisboa**  
**2012**

*Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho Unigénito de Deus*

Jo 3, 17-18

## INTRODUÇÃO

O Objetivo deste trabalho é o de tentar fazer uma análise da dupla resposta de fé e de incredulidade que ocorre ao longo do Evangelho segundo João. Pretendemos investigar as características da atitude humana de fé e de incredulidade diante da pessoa de Jesus-revelador. Como é que o Evangelho segundo João justifica o facto de alguns homens, nas mesmas condições, crerem e outros não crerem? O que é que motiva as reacções diferentes de fé e de incredulidade diante da revelação de Jesus? Quais são as razões que justificam tais posições antagónicas? Verificamos que há uma coisa irreduzível no Evangelho segundo João: que “a fé e a incredulidade são decisões”<sup>1</sup>. Em João Evangelista não há lugar para a predestinação que suprime a decisão responsável do homem, e que a graça de Deus, que vem em auxílio da fraqueza humana, não dispensa a cooperação da decisão humana. Perceberemos que a fé é uma decisão livre do homem de aderir voluntariamente a Jesus, sem esquecer de que “ninguém pode ir a Jesus, se o Pai não o atrair” (Cf. 6,44), sendo que a fé é simultaneamente um dom de Deus.

Ao longo deste trabalho vamos analisar primeiramente os traços literários do Evangelho segundo João, dado que as formas literárias utilizadas estão intimamente ligadas ao conteúdo teológico do mesmo. Depois analisaremos como a revelação se processa mediante a apresentação de ‘sinais’ visíveis da glória de Deus que se apresentam diante dos homens de forma incontestável em ordem à fé dos mesmos. Entre estes ‘sinais’ destacamos o sinal da cruz – o ápice da manifestação da glória de Deus. Percorreremos de seguida o texto analisando as passagens mais significativas aonde melhor se destacam as duas atitudes da fé e da incredulidade. Depois, abordaremos a análise de alguns verbos e expressões que o próprio autor intenta formular para responder à questão da incredulidade, para então vermos, finalmente, em que consiste a fé no Evangelho segundo João.

---

<sup>1</sup> KITTEL, G. (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. X, Brescia, Paideia, 1965-1984, p. 480.

## I. TRAÇOS LITERÁRIOS RELEVANTES DO IV EVANGELHO

O Evangelho segundo João tem características muito próprias, que o distinguem dos demais Evangelhos. Mesmo quando refere idênticos acontecimentos, apresenta perspectivas e pormenores diferentes. Tem uma grande profundidade teológica e um estilo muito característico. A sua unidade literária dá-nos a sensação de grande coesão e consciente persecução de um objetivo.

### *1. O estilo narrativo joanino*

João Evangelista usa um estilo e um vocabulário próprio e tem um carácter altamente dramático no que se refere ao confronto de Jesus com os ‘judeus’. O vocabulário é reduzido, mas muito expressivo, de forte poder evocativo e profundo simbolismo, com muitas palavras significativas, tais como: verdade (ἀλήθεια), luz (φῶς), vida (ζωή), amor (ἀγάπη), glória (δόξα), mundo (κόσμος), julgamento (κρίσις), hora (ῥα), testemunho (μαρτυρία), amar (ἀγαπάω), conhecer (γινώσκειν), ver (όσαω), crer (πιστεύειν), ouvir (ἀκούω), testemunhar (μαρτύρομαι)... O estilo é muito característico, desenvolvendo as mesmas ideias de forma concêntrica e crescente<sup>2</sup>. Através destes termos o Evangelho segundo João parece apresentar o desafio de fé que Jesus lança aos homens e o modo como é reiteradamente rejeitado pelos ‘judeus’<sup>3</sup> e pelo ‘mundo’<sup>4</sup>. Jesus veio para o que era seu mas foi rejeitado pelo seu próprio povo (1,11). Contudo, apesar de toda a rejeição, o Evangelho segundo João respira serenidade parecendo transformar as dúvidas em confissões de fé (4,19.25; 6,68-69), os escárnios em aclamações (19,3.14) e a infâmia da

---

<sup>2</sup> Cf. *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2008, p. 1726. Assim acontece com os temas da ‘Luz’: 1,4.5.9; 3,19-21; 8,12; 9; 11,9-10; 12,35-36.46; da ‘Vida’: 1,4; 3,15-16; 5,1-6,71; 10,10.17-18.28; 11,25-26; 12,25.50; e da ‘Hora’: 2,4; 5,25.28; 7,30; 8,20; 12,23.

<sup>3</sup> Os ‘judeus’ são para o autor do Evangelho segundo João o símbolo dos descrentes e os representantes do mundo incrédulo. Porém, esta expressão “os judeus” não é uma expressão exata pois Jesus e seus discípulos eram também judeus. Portanto, esta expressão só quando usado em sentido negativo pelo autor é que significa os descrentes e os representantes do mundo incrédulo.

<sup>4</sup> A expressão ‘mundo’ tem uma significação abrangente. O seu sentido mais frequente é negativo e refere-se à porção humana que rejeita a Deus. É a parcela do mundo que resiste à oferta de Deus e rejeita seu Enviado. O outro sentido é neutro e refere-se à criação, de modo especial à humanidade.

cruz num trono de glória (3,14; 8,28; 12,32). Para isso, o autor serve-se dos recursos literários tais como os da ironia (3,10; 4,12; 18,28), do mal-entendido (2,19.22; 3,3; 4,10.31-34; 6,41-42.51; 7,33-36; 8,21-22.31-33.51-53.56-58), das antíteses (luz-trevas, verdade-mentira, vida-morte, salvação-condenação, celeste-terreno) e das expressões com dois sentidos: ‘do alto’ ou ‘de novo’ (γεννηθῆ ἄνωθεν) (3,3), ‘pneuma’ (πνεῦμα) (3,8), no sentido de vento e espírito, ‘erguer’ (αἵρω) para significar crucificar e exaltar, ‘ver’ (ὁράω) no sentido físico e espiritual, etc...

Outra característica muito própria do Evangelho segundo João é o simbolismo. Através dos milagres, chamados de ‘sinais’ (σημείων), é revelada a própria identidade de Jesus, a sua glória, o seu ser divino e o seu poder salvador. Nestes mesmos ‘sinais’ Jesus se identifica como pão (cap. 6), como luz (cap. 9) e como vida e ressurreição (cap. 11). Tudo é descrito com o realismo próprio do Verbo encarnado que se faz presente na história de modo concreto. De facto, João Evangelista faz questão de sublinhar o realismo da humanidade de Jesus ao longo de todo o Evangelho (1,14; 6,53-54; 19,34). Mas, chamar ‘sinais’ aos milagres não é só indicar que se trata de meros símbolos, mas de factos reais e significativos em ordem à fé dos crentes. De facto, como é anunciado na conclusão do próprio Evangelho, o objetivo do autor é o de confirmar na fé em Jesus como Messias e Filho de Deus (20,30-31). Jesus faz ‘sinais’ e ele mesmo torna-se ‘sinal’ em ordem à fé. Mas, se o objetivo primeiro do Evangelho é a fé, o objetivo último é o amor, isto é, o seguimento de Jesus segundo uma vida enformada pela sua palavra e pelo seu mandamento novo.

## ***2. Unidade literária***

O Evangelho segundo João é atravessado por uma linha de pensamento teológico coerente e unificadora que dá forma a uma unidade literária. No seu conjunto o Evangelho se apresenta como um relato coerente, que se mostra como uma exposição da inteira revelação de Jesus, segundo este ponto de vista: revelação de Jesus com palavras e ‘sinais’,

e as forças motrizes da fé e da incredulidade<sup>5</sup>. A revelação de Jesus acontece com um fim determinado: trazer os homens à luz da fé e consequentemente à salvação. É precisamente isto que vem expresso na conclusão do Evangelho, à maneira de síntese: “Estes sinais foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20,31). Porém, a revelação de Jesus suscita tanto a fé como a incredulidade, causando a divisão entre as pessoas do seu tempo. De um lado estarão os seus discípulos e, do outro, os seus opositores. É o drama da crença e da descrença que percorre todo o Evangelho, até assumir uma radicalidade que conduzirá à morte do próprio revelador<sup>6</sup>.

### ***3. Diálogo como forma literária e teológica***

É impossível interpretarmos corretamente um texto sem partirmos de uma pré-compreensão do seu género literário<sup>7</sup>. O diálogo como género literário não é frequente nos escritos bíblicos. Encontramo-lo mais frequentemente nos evangelhos, principalmente no Evangelho segundo João. Os evangelhos sinópticos o utilizam a partir de um esquema simples e com apresentações breves. O Evangelho segundo João, ao contrário, se estende largamente em apresentar aspetos doutrinários ou discussões em forma de grandes diálogos<sup>8</sup>. Ao invés das parábolas João Evangelista prefere usar diálogos. Muitas das principais cenas do Evangelho segundo João estão apresentados sob esta forma de diálogo: Pedro e Natanael (1,35-51), Nicodemos (2,23-3,20), a samaritana (4,1-30), o povo de Cafarnaum (6,25-59), os judeus (7-8; 10,22-40), o cego de nascença (9,1-41), as irmãs de Lazaro (11,17-44), os discípulos (13,1-16,33), Maria Madalena (20,1-18), Pedro (21,15-23). O diálogo como género literário é utilizado como meio de uma apresentação mais ou menos elaborada de aspetos doutrinários que se tinham que aprofundar ou entender a pouco e pouco<sup>9</sup>. Para

---

<sup>5</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 47

<sup>6</sup> Para J. M. MARTÍN-MORENO “o fim condutor do evangelho é a constatação da dupla resposta possível: rejeição de uns e aceitação de outros”, cf. J. M. MARTÍN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p. 381.

<sup>7</sup> Cf. COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 101.

<sup>8</sup> Cf. J. TUNÍ – X. ALEGRE, *Escritos Joanicos e Cartas Catolicas*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1997, p.44.

<sup>9</sup> Cf. J. TUNÍ – X. ALEGRE, *o.c.*, p. 44.

desenvolver os diálogos o autor do Evangelho segundo João explorou sistematicamente uma técnica narrativa que é o mal-entendido<sup>10</sup>. Jesus faz uma declaração e os interlocutores a entendem mal. Estes mal-entendidos dão, por sua vez, lugar a um esclarecimento ulterior de Jesus, de maneira que, o seu ensinamento se torna cada vez mais profundo. Mas há duas classes de dialogo no Evangelho segundo João que variam segundo os interlocutores: as controvérsias e os diálogos<sup>11</sup>.

### **a) Controvérsias**

Nas controvérsias o mal-entendido é, às vezes, grosseiro e tem claras conotações de ironia<sup>12</sup>. Vejamos alguns exemplos: “Quarenta e seis anos levou este templo a construir, e Tu vais levantá-lo em três dias?” (2,20); “Para onde tenciona Ele ir, que não o possamos encontrar? Tenciona ir até aos que estão dispersos entre os gregos para pregar aos gregos?” (7,35); “Tu dás testemunho a favor de ti mesmo: o teu testemunho não é válido” (8,13); “Será que Ele se vai suicidar, dado que está a dizer: ‘Vós não podeis ir para onde Eu vou’?” (8,22); “Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém! Como é que Tu dizes: ‘Sereis livres’?” (8,33); “Não temos nós razão ao dizer que és um samaritano e que tens demónio?” (8,48); “Porventura és Tu maior que o nosso pai Abraão, que morreu?” (8,53). Nestas controvérsias (e noutras que encontramos em 5,16-47; 7,14-24; 10,22-39) verificamos que há um esquema semelhante: Jesus faz uma declaração ambígua, cujo verdadeiro sentido está indeterminado, e aqueles que O escutam interpretam-no literalmente insurgindo-se contra a sua declaração. Na maior parte dos casos, a explicação correta é a seguir fornecida por Jesus ou algumas vezes pelo narrador<sup>13</sup>. Verificamos que, em todas estas controvérsias, sem exceção, os interlocutores de Jesus são os judeus de Jerusalém ou, mais concretamente, os fariseus. Elas centram-se em temas doutrinários de uma certa importância para o judaísmo e com um aprofundamento que não temos nas tradições sinópticas<sup>14</sup>. Temos aqui o elenco dos principais temas: o templo; 2,13-22; cf. 4,20-24; o sábado: 5,16-19; 7,14-24; cf. 9,14-16; a legitimidade do testemunho de Jesus: 5,30-40;

---

<sup>10</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *A Leitura Infinita / Bíblia e interpretação*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, p. 42.

<sup>11</sup> Cf. J. TUNI – X. ALEGRE, *Escritos Joanicos e Cartas Catolicas*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1997, p. 44-54.

<sup>12</sup> Cf. J. TUNI – X. ALEGRE, *o.c.*, p. 47.

<sup>13</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *o.c.*, p. 42.

<sup>14</sup> Cf. J. TUNI – X. ALEGRE, *o.c.*, p. 47.

8,14-20; Moisés e Jesus: 5,41-47; 7,18-24; cf. 1,17; 6,32; 9,28-29; a Escritura: 5,39-40; cf. 1,45; a lei: 7,19; 7,51; a circuncisão: 7,22-24; a origem do Messias: 7,25-31; 7,40-44; 7,45-52; cf. 12,34; a filiação de Abraão: 8,3-59; a liberdade: 8, 31-36; a filiação divina: 8,41b-47; Jesus-Messias: 10,22-29; Jesus-Filho de Deus: 10,30-39. Notemos que os pontos que se discutem não são aspetos acidentais ou periféricos, mas as convicções judias mais centrais. É o judaísmo como tal que está ameaçado. Por isso, o tom que caracteriza estes encontros entre Jesus e os judeus é o de oposição. Os interlocutores de Jesus pedem-lhe explicações acerca do que faz, desde o primeiro encontro (2,18), se escandalizam com a sua doutrina (5,18), o perseguem abertamente (5,16), o querem prender (7,30; 8,20; 10,39) e o buscam para o matar (5,18; 7,1.19.25; 8,37-40). Nos encontramos, portanto, diante de uma oposição persistente.

## **b) Diálogos**

Com esta categoria de ‘diálogos’, nos referimos sobretudo aos diálogos com Nicodemos (2,23-3,20), a samaritana (4,1-30), o povo de Cafarnaum (6,25-59), e as irmãs de Lazaro (11,17-44). Se nas controvérsias as discussões tinham como objecto a clarificação doutrinal de temas centrais do judaísmo, aqui temos o desenvolvimento de temas cristãos, tais como: o batismo (Nicodemos), o culto (samaritana), a eucaristia (Cafarnaum), e a ressurreição (irmãs de Lazaro). Porém, a técnica narrativa que aqui encontramos é a mesma que nas controvérsias: o mal-entendido. A diferença é que aqui o mal-entendido é menos grosseiro<sup>15</sup>. Vejamos alguns exemplos: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?” (3,4); “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva?” (4, 11); “Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la” (4,15); “Senhor, dá-nos sempre desse pão!” (6,34); “Não é Ele Jesus, o filho de José, de quem nós conhecemos o pai e a mãe? Como se atreve a dizer agora: ‘Eu desci do Céu?’” (6,42); “Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição do último dia” (11,24). Mediante estes mal-entendidos, os temas se vão aprofundando, pouco a pouco, ao longo dos diálogos. É um aprofundamento maior do que temos nas controvérsias, pois muda o tom do diálogo que

---

<sup>15</sup> Cf. J. TUNI – X. ALEGRE, *Escritos Joânicos e Cartas Catolicas*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1997, p. 51.



se torna mais amistoso e aberto. Não nos encontramos num clima de contestação e perseguição, mas diante de corações dispostos em aceitar a revelação de Jesus. Por esta razão, Jesus se revela mais abertamente. Temos também, da parte dos interlocutores, reações de fé à Palavra de Jesus com petições, tais como: “dá-nos desse pão...”; “dá-me dessa água...”. O clima é catequético e de instrução<sup>16</sup>.

#### ***4. O carácter dramático do Evangelho segundo João***

Como vimos, a originalidade de João Evangelista se revela na elaboração dos relatos concebidos como verdadeiros dramas<sup>17</sup>. Na estrutura de todo o Evangelho, chama a atenção um fator dramático que se desenvolve na forma de um enredo, num crescendo que leva o acontecimento até um fim bem determinado: plena revelação de Jesus e consequente reação de fé ou incredulidade por parte dos seus interlocutores. É uma revelação que se dá de modo progressivo, com uma intensidade crescente, e de uma forma sempre mais interativa. Este elemento interativo e dramático está presente não só nas diversas unidades narrativas que compõem o Evangelho, mas também no Evangelho no seu todo. Por exemplo, o relato de Samaria (4,1-42), a cura do cego de nascimento (cap. 9) e a ressurreição de Lázaro (cap. 11) revelam uma narrativa que evolui, com crescente certeza, até à plena revelação de Jesus ou manifestação da sua glória e à consequente resposta de fé ou de incredulidade por parte dos homens. Do início ao fim do Evangelho percebemos uma narrativa que evolui na fé e em ordem à fé. Já em 1,19-51 percebemos uma narrativa que, partindo do testemunho de João Batista e passando à adesão dos primeiros discípulos a Jesus, vai avançando até ao ponto culminante da confissão de Natanael e às palavras de revelação de Jesus em 1,51. E também, no final do Evangelho, nos relatos da ressurreição (cap. 20), através das mulheres, dos discípulos que correm ao sepulcro, de Maria Madalena, dos Doze e finalmente de Tomé, no princípio sético, porém logo vencido pelo ressuscitado e que profere uma magnífica confissão, se verifica cada vez maior certeza de fé.

---

<sup>16</sup> Cf. J. TUNI – X. ALEGRE, *Escritos Joânicos e Cartas Católicas*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1997, p. 49-53.

<sup>17</sup> Cf. E. COTHENET, L. DUSSAUT, P. LE FORT, P. PRIGENT, *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*, Edições Paulinas, São Paulo, 1988, p. 31.

Também a incredulidade conhece um desenvolvimento progressivo. Desde o cap. 5 verificamos os elementos da dúvida e da incredulidade. Estes vão-se desenvolvendo, reforçando e endurecendo cada vez mais (cap. 7; 8; 10, 22-39) até à sentença do sinédrio que decide dar a morte a Jesus (11,45-53). Até o cap. 7, Jesus se mostra diante dos homens possibilitando a estes uma tomada de posição diante dele, sem contudo os provocar a isso. Mas, a partir do cap. 7 até o cap. 12, a narrativa mostra-se excessivamente dramática. Jesus passa à ofensiva e provoca os seus ouvintes a uma decisão<sup>18</sup>. Já não atua somente esperando a atitude das pessoas, mas as confronta, descobrindo o que têm dentro de si. Jesus não hesita em recriminar diretamente os ‘judeus’ e entra em luta aberta contra o ‘mundo’; com suas palavras e sinais provoca continuamente a cisão e o ‘juízo’<sup>19</sup>. Ele interpela os homens a tomar partido diante da sua revelação e estes têm que decidir-se. O resultado será que de um lado estarão os seus discípulos e do outro estarão os seus opositores. Estes dois grupos com as suas respostas antagônicas de fé e de incredulidade irão se explicitando progressivamente ao longo do Evangelho até o desfecho final da condenação de Jesus. Progressivamente, ao longo do Evangelho, a sua doutrina e a reação dos seus ouvintes tornam-se cada vez mais explícitas e definidas. Tudo vai tragicamente se acumulando para deixar estabelecido claramente o rol dos que não dão sua fé ao revelador, ainda que daí resulte a decisão da sua morte<sup>20</sup>.

Contudo, até a própria morte de Jesus dará continuidade à revelação de Deus. A ‘hora’ da cruz tornar-se-á a hora da total manifestação do amor e da glória de Deus, que já veio sendo paulatinamente revelada nas suas obras e palavras, ao longo do livro dos sinais. É o próprio Pai que o confirma: “Já o glorifiquei e, de novo, o glorificarei” (12, 28). A morte de Jesus na cruz dará continuidade à manifestação da glória de Deus até ao seu ápice. Deste modo, o tema da glória une os dois grandes blocos do Evangelho: o livro dos sinais e o livro da glória. Entre estes dois livros verificamos continuidade, progresso e intensidade crescente na revelação. Inclusive com um dramatismo cada vez mais acentuado. Há um

---

<sup>18</sup> Cf. F. CALLE, *A Teologia do Quarto Evangelho*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1978, p. 79.

<sup>19</sup> O termo ‘juízo’ no Evangelho segundo João não indica um processo de tipo jurídico mas existencial: indica a opção do homem diante da revelação de Deus. O juízo se efetua em consequência do posicionamento de fé ou de incredulidade dos homens. Diante de Jesus revelador, que convida os homens à fé, não cabe a neutralidade. O homem tem que decidir entre a acolhida ou a rejeição. O mero facto de acolher ou rejeitar implica já um juízo que supõe a salvação ou a condenação.

<sup>20</sup> Cf. F. CALLE, *o.c.*, p. 80.

aproximar-se progressivo do desfecho final<sup>21</sup>. Na cruz se dará a manifestação plena da glória de Deus - a revelação total do amor de Deus. A cruz é o momento do amor total, da doação total de Deus aos homens, como vem expresso no início do livro da glória: “Tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim” (13,1). Portanto, a glória plena manifestada através da cruz leva a termo a obra iniciada com seus sinais e palavras. Diante da revelação total do amor e da glória de Deus é possível a resposta radical do ser humano. À atração total (12,32), realizada pela cruz de doação e de amor, corresponde a fé total ou a incredulidade total dos homens. A crise real, que veio se processando numa divisão de pareceres em torno de Jesus, ao longo de todo o livro dos sinais, vai-se radicalizar na ‘hora’ da sua morte. Se tornará possível prestar-lhe uma fé total ou uma rejeição total<sup>22</sup>. Este será o grande juízo discriminatório. Um juízo operado pela própria opção livre de cada pessoa.

Jesus, a ‘luz’ dos homens, foi acreditado por uns e rejeitado por outros. Uns acolheram a ‘luz’ e creram; outros permaneceram na obscuridade, e não chegaram a ser filhos da luz.

---

<sup>21</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *Introducción al Misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p. 148.

<sup>22</sup> Cf. F. CALLE, *A Teologia do Quarto Evangelho*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1978, p. 110.

## II. A REVELAÇÃO EM ORDEM À FÉ

“A revelação dá-se por meio de atos e de palavras: os atos manifestam e corroboram a doutrina; as palavras declaram o mistério contidos nas obras”<sup>23</sup>. Estas palavras da *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, aplicam-se sem erro também ao Evangelho segundo João. É um texto onde precisamente os atos assumem o carácter de ‘sinais’ que falam por si. No Evangelho segundo João a expressão ‘sinais’ (σημείων) são os atos de Jesus que confirmam a verdade daquilo que Ele disse ou revelou, possuindo a finalidade de suscitar a fé em Jesus<sup>24</sup>. Os ‘sinais’ aparecem sobretudo como uma necessidade de Jesus expor a sua doutrina, a fim de se definir a si mesmo, e assim interpelar os ouvintes-destinatários à ‘fé na sua pessoa’. Os ‘sinais’ são acompanhados das palavras de Jesus que maiormente assumem o carácter de longos discursos. Frequentemente, os discursos desta narrativa joanina seguem-se aos sinais (cf. 5,6.9-10) e constituem um aprofundamento do mesmo sinal, de modo que, todo o discurso representa um desenvolvimento ilustrativo da significação do sinal. Toda a revelação, por atos e palavras, constitui o testemunho de Jesus. Se nos sinópticos, Cristo ensina, prega e anuncia a Boa-nova do Reino, no Evangelho segundo João ele testemunha sobretudo: ele é o Filho que fala sobre o Pai (1,18), a testemunha que declara o que viu e ouviu no seio do Pai, de modo que, a revelação assume a forma de um testemunho<sup>25</sup>.

### 1. Os ‘sinais’

O termo σημείων (sinais) aparece 17 vezes no Evangelho segundo João. Se trata, portanto, de milagres de Jesus, que por sua natureza estão destinados a levar à fé em Jesus.

Os dois primeiros milagres vêm designados expressamente como σημείων (2,11;4,54); o mesmo podemos dizer do milagre da multiplicação dos pães (cf. 6,14.26), da cura do cego de nascimento (cf. 9,16) e da ressurreição de Lazaro (12,18; cf. 11,47). A cura do paralítico (cap. 5) não se designa como σημείων, mas se considera como ἔργον (obra)

<sup>23</sup> CONCILIO VATICANO II, Constituição Dogmatica *Dei Verbum*, n. 2.

<sup>24</sup> Cf. J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 89.

<sup>25</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 78.

importante (7,21; cf. 5,20.36). Porém, como nos diz R.Schnackenburg, se se considera a estreita relação que existe entre ambos os conceitos, não erraremos se o considerarmos também como um ‘sinal’<sup>26</sup>. De facto, à semelhança com os outros sinais, há um discurso de revelação que se segue em estreita relação com o mesmo sinal. Estes seis sinais descritos por João Evangelista visualizam simbolicamente o que Jesus significa: vinho das núpcias messiânicas, cura e vida, alimento da vida divina, luz do mundo, ressurreição e vida. São sinais que não apenas comprovam que Deus está por trás de Jesus, mas que mostram Deus em Jesus<sup>27</sup>. João Evangelista usa ainda a palavra ἔργα (obras), para designar a atividade mais vasta de Jesus mas como diz o Pe. Carreira das Neves “a verdade é que toda a atividade de Jesus se pode incluir como um grande sinal”<sup>28</sup>. A inteira ‘obra’ de Jesus é revelar aos homens a glória de Deus, o que acontece de modo supremo na ‘hora’ da cruz. “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti” (17, 1). A obra que Jesus leva a termo na sua ‘hora’ é a manifestação da glória de Deus. Portanto, toda a vida de Jesus deve ser vista como um grande ‘sinal’ de manifestação da glória de Deus, com o seu ápice na cruz. As diversas manifestações da ‘glória’ de Deus (Cf. 2,11), se orientam todas para a manifestação plena da glória que é a cruz. Apesar da palavra ‘sinal’ não ser nunca aplicada à crucifixão, esta foi sem dúvida o ‘sinal’ maior do Evangelho segundo João. Já em Caná da Galileia o primeiro sinal faz alusão à hora em que se levanta o sinal da cruz. Também no sinal da multiplicação dos pães e dos peixes se evocara o momento da sua morte gloriosa ao falar da sua carne como vida do mundo e do seu sangue derramado para salvação da humanidade. Na ressurreição de Lazaro o senhor se apresenta como a ressurreição e a vida (cf. 11,25), e isto constitui já uma profecia de sua própria morte e ressurreição. Assim, todos estes sinais são diversos contrapontos que, em ordem progressiva, nos aproximam do desenlace final. É uma manifestação em ordem

---

<sup>26</sup> “Os grandes milagres do Evangelho segundo João podem ser chamados por um lado de ‘sinais’ e por outro de ‘obras’; ambos os termos têm um âmbito comum. Deve-se então perguntar por que razão o evangelista, que possui uma linguagem muito trabalhada, e atento à seleção das palavras, prefere segundo os casos um ou outro destes termos. A diferença se poderia explicar pelo uso de diferentes fontes ou por outras razões de crítica literária, dado que ambos os conceitos se alternam em diferentes capítulos sem que se possa descobrir a razão (comparar 7,3 com 7,31; 9,3s com 9,16; 10,25.32.37s com 10,41; 12,37 com 15,24)” (R.SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 384).

<sup>27</sup> Cf. J. KONINGS, *Evangelho Segundo João*, Edições Loyola, São Paulo, 2005, p. 398.

<sup>28</sup> J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 90.

crescente da glória que se manifestará de forma plena na hora da cruz<sup>29</sup>. Vemos assim que, as duas grandes partes do Evangelho, o ‘livro dos sinais’ e o ‘livro da glória’, estão relacionadas entre si, de modo que, a primeira parte constitui a memória que é aprofundada na segunda parte. Assim percebemos como os factos públicos da vida de Jesus recebem seu significado último em torno da cruz<sup>30</sup>. Se no ‘livro dos sinais’ Jesus apresenta sinais de glória, no ‘livro da glória’ ele é o próprio sinal da glória.

## ***2. As palavras e os discursos***

Em estreita relação com os ‘sinais’ (σημείων) estão as palavras ou discursos de Jesus. Como dissemos antes, estes constituem um aprofundamento do sinal e uma explicitação da significação do mesmo. Os discursos normalmente seguem-se aos sinais, mas a partir do cap. 7 temos discursos que antecedem os mesmos. Até ao cap. 7, Jesus ensinou só por ocasião dos seus sinais, procurando dar-lhes sentido, mas a partir daqui Jesus também se servirá dos seus sinais para revelar antecipadamente a verdade da sua palavra. Por exemplo, no contexto da festividade dos tabernáculos, o autor coloca dois núcleos de ensinamentos de Jesus (7,14-52; 8,12-59) antes do milagre da cura do cego (9,1-41), seguido de outros dois ensinamentos (10,1-10; 10,11-21), em íntima conexão. Depois, já fora da festa, terá lugar o segundo milagre desta série, a ressurreição de Lazaro (cap. 11). As palavras e os ensinamentos de Jesus precedem aqui os seus ‘sinais’, para lhes dar uma determinada moldura, dentro da qual têm sentido. Se antes, Jesus tinha ido do sinal para a palavra, agora Jesus vai da palavra para o sinal, significando com isso que a sua palavra é obra. A sua palavra é luz capaz de dar vista aos cegos, e é vida capaz de ressuscitar os mortos. Ele é o ‘Verbo’ de Deus pelo qual todas as coisas foram e são criadas. Para o autor do Evangelho segundo João, “a força expressiva de Jesus, mais do que em seus milagres, está em suas palavras”<sup>31</sup>. O autêntico Messias não é o dos milagres, mas o da palavra. Ele é

---

<sup>29</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *Introducción al misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunete, Pamplona, 1997, p. 76.

<sup>30</sup> Cf. J. KONINGS, *Evangelho Segundo João, Edições Loyola*, São Paulo, 2005, p. 17.

<sup>31</sup> F. CALLE, *A Teologia do Quarto Evangelho*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1978, p. 89.

a “luz do mundo” (8,12) que tem palavras de vida eterna (6,68), é o revelador que dá a conhecer o Pai (8,19).

Mas, ao revelar-se a si e ao Pai, Ele revela também o interior dos corações, mediante o posicionamento de fé ou de incredulidade por parte dos homens. De facto, o Evangelho não pretende somente informar, mas convidar e expressar uma oferta de vida, esperando uma resposta da parte do homem<sup>32</sup>. Diante da proclamação da sua palavra, convite de fé para o ser humano, cada pessoa terá que decidir-se entre a aceitação ou a rejeição.

### ***3. O testemunho***

Os sinais e os discursos de Jesus representam o seu testemunho. O seu testemunho tem a capacidade de dar a conhecer a sua pessoa, nomeadamente a sua procedência de Deus<sup>33</sup>. O Evangelho segundo João desdobra este testemunho em quatro testemunhos: as obras realizadas, que testemunham Jesus (5, 36; 10,25), o Pai que testemunha a favor do seu Filho (5,37), o próprio Filho que dá testemunho de si (8,14.18), e o Espírito Santo que testemunha a seu favor (15,26). Por exemplo, Jesus se remete constantemente às suas obras, quando se trata de provar sua missão divina (cf. 10,25.32.37s; 14,10s; 15,24) e as obras, por sua vez, mostram a todo aquele que reflete que o Pai está atuando nelas (cf. 5,17.19). O testemunho do Pai consiste no que Jesus diz e testemunha, dado que Jesus é o seu ‘enviado’, pois Ele nos fala e atesta o que ouviu junto do Pai (3,11.32; 8,26.38; 18,37). Porém, como nos diz R. Schnackenburg, “enquanto enviado de Deus, se distingue do que o enviou, e assim entram em consideração dois testemunhos”<sup>34</sup>. Quanto ao testemunho do Espírito Santo, trata-se de um testemunho interior que atesta a favor de Jesus. É somente pela ação do Espírito que se chega a descobrir o reino de Deus em Jesus<sup>35</sup>, pois não basta ter ouvido sua pregação (6,21-41), nem ter visto seus milagres (6,1-21): é necessário

---

<sup>32</sup> Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p. 380

<sup>33</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p.429-430

<sup>34</sup> R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 246

<sup>35</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 83.

também uma atração interior, que é dom do Pai (6,66)<sup>36</sup>. É necessário uma sedução, uma atração sobrenatural, uma ação interior que acompanha a palavra exterior<sup>37</sup>. Portanto, a ‘Palavra’ nunca vem sozinha senão acompanhada com o sopro do Espírito<sup>38</sup>. Não se trata de uma ação direta do Espírito, mas da percepção interna do mesmo através das Palavras e obras externas de Jesus.

Deste modo, podemos dizer que o anúncio exterior e a atração interior do Espírito constituem as duas dimensões da Palavra de Deus. Trata-se de uma ação conjunta. A atração interior adapta-se ao testemunho exterior, que ela subentende, assume, vivifica e fecunda. A graça do Espírito inspira o que a pregação exterior exprime e proclama. O Cristo declara o que o Espírito insinua e fixa nas almas. Cristo proclama a Palavra da Salvação, enquanto o espírito fecunda a audição da palavra e dá à alma a força para aderir-lhe. O espírito continua a missão do Cristo, não porém, falando: ilumina a Palavra do Cristo em comunhão de vida com o Filho. Enquanto o Filho ‘faz conhecer’, o espírito ‘inspira’: dá poder e eficácia à palavra. O Espírito interioriza a Palavra do Cristo<sup>39</sup>. Portanto, o Espírito e o Pai atuam igualmente em Jesus não de uma forma justaposta mas em união. Na verdade, para o Evangelho segundo João é toda a Trindade que se faz presente no ato da revelação. Quem não quer crer em Jesus pessoalmente, na sua simples palavra, deve ao menos dar fé às suas obras (10,37s; 14,11) e ao testemunho interior do Espírito (14,26; 16,12-14). As suas obras, principalmente seus grandes milagres, atestam o carácter divino da sua missão. De facto, em toda a tradição bíblica o milagre tem como função garantir uma missão como divina. É um gesto de Deus que garante a autenticidade de uma missão por ele confiada. Sob esse aspeto, o milagre tem um valor de certo modo jurídico: é a credencial do enviado de Deus<sup>40</sup>. Esta função jurídica do milagre aparece principalmente no Evangelho segundo João, onde o autor faz dos milagres ‘sinais’ (σημείων) a favor da origem divina de Jesus.

---

<sup>36</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 497.

<sup>37</sup> Cf. R. LATOURELE, *o.c.*, p. 497.

<sup>38</sup> Cf. R. LATOURELE, *o.c.*, p. 498.

<sup>39</sup> Cf. R. LATOURELE, *o.c.*, pp. 502.503.573.574.

<sup>40</sup> Do profeta que se apresenta em nome de Deus, os judeus exigem provas. Moisés pede e recebe de Javé o sinal que lhe prove que Javé “está com ele” e que “sua missão vem dele” (Ex 3, 12). Os prodígios realizados por Moisés farão que seja ouvido entre os seus, provarão que Javé “apareceu-lhe” realmente, que é preciso “acreditar nele e escutá-lo” (Ex 4,1), que é o enviado de Deus. Tendo saído do Egipto e atravessado o mar vermelho, o povo “acredita em Javé e em Moisés, seu servo” por causa dos prodígios que tinha visto (Ex 14, 31). Através de toda a história do profetismo é o milagre constantemente invocado para fazer a separação entre os verdadeiros e falsos profetas (Cf. R. Latourelle, *o.c.*, p. 511).



Observa o autor que, à vista dos sinais de Jesus, muitos judeus acreditaram nele (cf. 2,23). Nicodemos reconhece que o Cristo “vem da parte de Deus”, porque ninguém poderia fazer os ‘sinais’ que ele realiza “se Deus não estivesse com ele” (3,2). O cego de nascença invoca, contra os fariseus que o acusam, o argumento tradicional: “Se ele não viesse de Deus nada teria podido fazer” (9,33). Para muitos já a grande multidão de milagres é um sinal: “o Messias, quando ele vier, fará acaso mais milagres, do que ele fez?” (7,31). Os milagres de Cristo atestam pois, que ele é o enviado de Deus. Cristo, perante os seus ouvintes e contraditores, apresenta sempre os seus milagres como um testemunho do Pai em seu favor (5,36-37;10,25). É preciso acreditar no Cristo, se não pelas suas palavras ao menos por causa das suas obras (10, 37-38). Este testemunho do Pai em favor do Filho, pelas obras de poder, tira aos “judeus” qualquer desculpa: é culpável a sua oposição ao Cristo<sup>41</sup>. Sua oposição é culpável porque a obra do Filho é credível: ela testemunha a força e a autoridade de Deus. Esta autoridade de Deus aqui manifestada fundamenta e dá credibilidade, por si mesma, ao seu testemunho. Este testemunho divino, pela autoridade que possui, afirma a sua infalibilidade absoluta. O Deus que atesta é, por si mesmo, em sua autoridade, o fundamento absoluto e ultimo da verdade infalível do seu testemunho. Os ‘sinais’ apenas revelam a sua identidade e autoridade, fazendo reconhecer no Cristo a presença do Deus vivo<sup>42</sup>. Portanto, há motivos absolutos de credibilidade diante dos quais a incredulidade dos ‘judeus’ não tem justificação e por isso mesmo se torna culpável. Como diz Jesus: “Odiaram-me sem causa” (15,25). A única razão para esta incredulidade não se pode encontrar senão na vontade pervertida dos ‘judeus’ com o motivo de que buscavam egoisticamente a si mesmos. O próprio Jesus os acusa dizendo que não é possível crer dessa forma: “Como vos é possível crer, se andais à procura da glória uns dos outros, e não buscais a honra que vem só de Deus?!” (5,44).

---

<sup>41</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 514.

<sup>42</sup> Cf. R. LATOURELE, *o.c.*, p. 430-431.

#### 4. A manifestação visível da glória de Deus: a encarnação

Toda a obra de Cristo, por meio de palavras e atos, é a ‘obra’ do Verbo de Deus incarnado, isto é, é a obra de uma pessoa concreta que realiza ações concretas. “O Verbo fez-se carne, e habitou entre os homens” (1,14) para revelar Deus aos homens de um modo real, concreto e visível. Deste modo, João Evangelista testemunha: “o que vimos e ouvimos é isso que testemunhamos...” (1Jo 1,1-3). Por meio da sua encarnação, Deus tornou-se presente para nós de maneira humana e disse humanamente tudo acerca de si. A sua carne tornou-se o lugar onde se manifestou a sua divina glória<sup>43</sup>. Principalmente na cruz Deus disse todo o excesso do seu amor. Na cruz a divina glória foi manifestada através da dor da carne de Jesus. Como diz Dorothy A. Lee, “o Jesus joanino é o símbolo de Deus, o seu verdadeiro ícone”<sup>44</sup>. Quem o vê, vê o Pai (14,8). Se Jesus se revelou primeiramente através de ‘sinais’, depois foi ele próprio que se converteu em ‘sinal’ da glória de Deus na cruz. É no concreto dos seus ‘sinais’ e da sua carne que Jesus se torna o lugar da revelação da glória de Deus. Não se pode separar os ‘sinais’ do ‘sinal’ que é Jesus, porque toda a sua atividade se pode incluir como um grande sinal<sup>45</sup>. Digamos que os ‘sinais’ são a continuação do realismo da sua encarnação. Os ‘sinais’ são a outra face da sua carne, são o lugar da revelação da glória da carne de Jesus<sup>46</sup>. Quando, no fim do prólogo, João Evangelista proclama ‘o Verbo fez-se carne e nós vimos sua glória’, Ele engloba todas as manifestações do Verbo encarnado, por sua palavra, seus gestos, seu dom supremo na cruz. Não podemos isolar os sinais de todo este conjunto que manifesta a inserção real do Verbo na vida dos homens<sup>47</sup>.

Portanto, o realismo da encarnação mostra a revelação de Deus à medida do homem. O Verbo de Deus fez-se homem de modo visível, audível e palpável (1,14; 1Jo 1,1-3; 4,2-3) para falar aos homens numa linguagem humana. Ele conta-nos em termos e proposições humanas os segredos do Pai<sup>48</sup>. É por isso que o autor emprega com insistência o termo homem (ἄνθρωπος) para qualificar Jesus (15 vezes). Cristo, na sua carne, tornou-se o sinal

<sup>43</sup> Cf. D. A. LEE, *Flesh and Glory*, The crossroad Publishing Company, New York, 2002, p. 48.

<sup>44</sup> D. A. LEE, *o.c.*, p. 29.

<sup>45</sup> J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 90.

<sup>46</sup> Cf. D. A. LEE, *o.c.*, p. 36.

<sup>47</sup> Cf. E. COTHENET, L. DUSSAUT, P. LE FORT, P. PRIGENT, *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*, Edições Paulinas, São Paulo, 1988, p. 148.

<sup>48</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 77.

da glória de Deus acessível a todos, em ordem à fé de cada um. Ele é a Palavra de Deus *ad extra*<sup>49</sup>. A sua interpelação à fé tornou-se perceptível para todos. A humanidade de Cristo é o espelho por onde se contempla a imagem de Deus e o reflexo da sua glória<sup>50</sup>. Aquela glória que se manifesta plenamente aos homens na hora da cruz. Através do realismo concreto da sua paixão Deus revelou o seu amor e a sua glória: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito” (3,16). A sua cruz erguida no monte calvário, na saída da cidade, em lugar bem visível e concorrido, constituiu o grande sinal do seu amor<sup>51</sup>. Este grande sinal foi levantado sobre quantos o rodeavam.

Semelhante aos Sinópticos, o Evangelho segundo João narra as dores e os sofrimentos de Jesus. A diferença é que ele faz um relato teologicamente aprofundado<sup>52</sup>. O que sucede é que o autor do Evangelho segundo João, passados muitos anos, relê os factos e lhes dá toda a sua profunda significação, compreendendo que Jesus é o grande símbolo do Pai<sup>53</sup>. Ele contempla os factos desde cima, vendo na humilhação de Jesus Cristo a sua mesma glorificação. A crucifixão de Jesus é contemplada como exaltação, segundo a opinião comum dos exegetas. O próprio relato da paixão o indica. Por exemplo, no seu aprisionamento, Jesus derruba os seus inimigos por três vezes, unicamente com a sua palavra. Fala sereno e forte diante de Anás. No pretório sem temor da condenação de Pilatos, se confessa com decisão e clareza como o Rei dos judeus. E no final, Jesus dirá triunfante que tudo está cumprido, numa exclamação de vitória e grandeza. São relatos salpicados de detalhes que aludem à grandeza de Jesus. Por detrás daquele padecimento, real e concreto, se esconde a maior paixão de amor que já se conheceu. Através do realismo da sua crucifixão, João Evangelista é capaz ver a grandeza do amor e da glória de Deus que se revela diante dos homens.

Mas, se diante desta manifestação da glória de Deus alguns pessoas são capazes de crer, os ‘judeus’ não. Os ‘judeus’ desde o início da atividade de Jesus rejeitaram reconhecer a glória de Deus manifestada nos ‘sinais’ e continuam sem enxergar a glória da cruz.

---

<sup>49</sup> Cf. F. M. DIEZ, *Crer em Jesus Cristo - Viver como Cristão / Cristologia e Seguimento*, Gráfica de Coimbra 2, Assafarge, 2007, p. 287.

<sup>50</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *Introducción al misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p. 47.

<sup>51</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *o.c.*, p. 75.

<sup>52</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *o.c.*, p. 54.

<sup>53</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *o.c.*, p. 61.

Apesar do Verbo de Deus incarnado tornar visível a glória de Deus, mesmo assim não é reconhecido nem acreditado.

### III. AS REAÇÕES DE FÉ E DE INCREULIDADE AO LONGO DO IV EVANGELHO

Todo o Evangelho segundo João consiste numa exposição da inteira atividade de Jesus segundo este ponto de vista: revelação de Jesus com palavras e ‘sinais’, e as forças motrizes da fé e da incredulidade<sup>54</sup>. As palavras e os ‘sinais’ têm por finalidade convidar à fé, isto é, expressam uma oferta de vida que espera uma resposta. Diante deste convite, o homem tem que decidir entre a aceitação e a rejeição. Este convite é lançado aos homens durante todo o Evangelho e permite fazer uma leitura dramática do mesmo a partir do ponto de vista da dupla resposta dos homens<sup>55</sup>. Diante de Jesus e da sua mensagem, os homens se dividem: de um lado estarão os seus discípulos e do outro os seus inimigos. Os homens são desafiados a tomar partido diante dele, mediante a formulação de um juízo. Uns o aceitarão, outros o rejeitarão. O ‘livro dos sinais’ termina com este duplo epílogo: os judeus não creram (12,37-43) e só em Jesus há salvação (12,44-50). Por sua vez, a conclusão do Evangelho termina dizendo: “Estes sinais foram escritos para que creiais que Jesus é o

<sup>54</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Segun San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 47.

<sup>55</sup> Percorrendo todo o Evangelho se destacam as seguintes posições:

**Prólogo:** rejeição (1,5.10.11); aceitação (1,12.14).

**Testemunho do Batista:** diante das autoridades a rejeição (1,19-28); diante dos discípulos a aceitação (1,35-51).

**Caná:** aceitação dos discípulos (2,11). Maria em Israel fiel (2,5).

**Jerusalém:** desconfiança (2,18-20); fé imperfeita (2,24).

**Três encontros:**

**Nicodemos:** oferta de Jesus e rejeição do mundo que se condena a si mesmo (3,11.18.21).

**Samaritana:** Jesus é acolhido pelos samaritanos como Messias e Salvador (4,26.42).

**O funcionário real:** resposta de fé (4,53).

**O sinal do pão:** provoca rejeição (6,60.66). Porém, Pedro, em nome dos doze, confessa a Jesus (6,68-69).

**Festa dos Tabernáculos:** sete grandes declarações seguidas por uma rejeição.

- a) Enviado do pai (7,16); rejeição em 7,32.
- b) Fonte de águas vivas (7,37-39); rejeição em 7,43-44
- c) A luz do mundo (8,12); rejeição em 8,20.
- d) Eu sou (8,24.28); rejeição em 8,30.
- e) Doador de liberdade (8,31-36); rejeição em 8,37ss.
- f) Doador de vida (8,51-52); rejeição em 8,53ss.
- g) Preexistente (8,58); rejeição em 8,59.

**A cura do cego:** o cego curado crê (9,38); as autoridades judias rejeitam (9,33-41).

**Festa da dedicação:** Jesus o consagrado: rejeição (10,31.39); aceitação (10,42).

**Ressurreição de Lázaro:** fé de Marta e da Maria (11,27) e de muitos (11,45); rejeição dos sacerdotes (11,50).

**A paixão:** o papel das trevas (rejeição) está representado por Judas, Anás, Caifás e Pilatos. O papel da fé está representado pelo discípulo amado e Maria, e na ressurreição pela fé dos discípulos, especialmente o discípulo amado (20,8), Madalena (20,11-18) e Tomé (20,28). O evangelista conclui com a fé de Tomé (Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p.381-382).

Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20,31). Portanto, os ‘sinais’, incluindo o sinal da cruz, são as credenciais de Jesus em ordem à fé dos homens. Os discípulos acreditarão enquanto os seus inimigos o rejeitarão. Porém, o mero facto de aceitar ou rejeitar implica já um juízo que supõe a salvação ou a condenação.

### ***1. Jesus se manifesta diante do mundo***

Vamos percorrer e analisar algumas passagens do Evangelho segundo João onde as atitudes de fé e de incredulidade mais se destacam. Em traços gerais, percebemos que Jesus na Galileia é aceite e na Judeia é rejeitado<sup>56</sup>. Vemo-lo inicialmente em Cana da Galileia, onde é aceite pelos discípulos (2,11). Depois na Samaria onde é acolhido como Messias e Salvador (4,26.42). Ainda na Galileia, por ocasião da multiplicação dos pães, vemo-lo rejeitado por uns (6,60.66) e acolhido por outros (os doze) representados por Pedro (6,68). Na Judeia, por ocasião das festas judaicas, vemo-lo rejeitado reiteradamente pelos “judeus”. Na “festa dos judeus” (5,1), Jesus cura o paralítico e começa a ser perseguido (5,16). Seguidamente, na festa dos tabernáculos, é rejeitado como o enviado do Pai (7,32), como fonte de água viva (7,37-38) e como luz do mundo (8,12). Por ocasião da cura do cego, mais uma vez, não é aceite (9,33-40). Na festa da Dedicção, ao se apresentar como o consagrado de Deus é também rejeitado (10,31.39). E, depois, no contexto das festividades da Páscoa, ao ressuscitar Lazaro é novamente rejeitado (11,50). Por fim, é condenado pelos fariseus e sacerdotes reunidos em conselho (11,47-57), que o entregam a Pilatos para o crucificar (18,35;19,6).

#### ***1.1. A fé na Galileia e Samaria***

##### **a) As bodas de cana**

O primeiro sinal de Jesus na Galileia ocorre por ocasião das Bodas de Caná (2,1-11). É um episódio cujo desfecho é a fé dos discípulos em Jesus: “Manifestou a sua glória,

---

<sup>56</sup> A Galileia é para João Evangelista a pátria terrestre de Jesus, e os seus conterrâneos galileus lhe proporcionam proteção e apoio diante das autoridades de Jerusalém (7,1).

e os seus discípulos creram nele” (2,11). Mediante este sinal Jesus manifestou da sua glória (δόξα), se revelou diante dos discípulos, e estes creram nele. Como diz R.Schnackenburg, a glória manifesta neste sinal sugere uma ‘epifania’ na carne do Verbo incarnado, isto é, no concreto da história, de modo que os discípulos puderam ‘ver’. Eles o ‘vêm’ na fé, mas a partir de um facto concreto. É uma manifestação da glória vinculada a uma determinada circunstancia (a boda) e a um lugar concreto (Caná da Galileia), como o serão os demais ‘sinais’ (σημείων) de Jesus<sup>57</sup>. Podemos dizer que, as Bodas de Caná são uma breve exposição do que são os ‘sinais’ na sua natureza: uma manifestação histórica da ‘glória’ do Logos encarnado (cf. 1,14), capaz de conduzir à fé (20,31).

O ‘sinal’ das bodas de Cana vem, ainda, apresentado em relação à manifestação da glória na ‘hora’ da cruz: “a minha ‘hora’ ainda não chegou” (2,4). Isto diz-nos que existe uma relação entre este ‘sinal’ e o grande ‘sinal’ da cruz. Trata-se de dois momentos da manifestação da única glória de Deus. O primeiro está orientado para o segundo, e o segundo constitui o ápice do primeiro, enquanto momentos de manifestação da ‘glória’. Como diz o Pe. Carreira das Neves, “na visão do autor, a ‘hora’ de Caná é apenas uma prolepse da ‘hora’ da cruz”<sup>58</sup>.

### **b) A Samaritana**

Um outro episódio de fé dá-se no encontro de Jesus com a samaritana e o povo samaritano. Interessa-nos apenas considerar o ponto culminante do diálogo (4,26-29), no qual Jesus se dá a conhecer como o Messias esperado, mediante a fórmula de revelação ἐγώ εἰμι (Eu sou). A mulher samaritana faz uma descoberta da pessoa de Jesus que é progressiva. Inicialmente, Jesus é para ela ‘um judeu’ (v. 9), depois é “Senhor” (v. 11.15.19a), de seguida é ‘Profeta’ (v. 19b) e, finalmente, é o ‘Messias-Cristo’ (v. 25). É o próprio Jesus que se lhe revela como Messias ao dizer: “Eu sou (ἐγώ εἰμι)” (4,26). O autor nos narra que ao ouvir estas palavras a mulher deixou o seu cântaro e foi à cidade anunciar aos outros homens a presença do Cristo (4,28-29). Para R. Vignolo “este gesto de deixar no poço e seu cântaro, significa um gesto de abandono das preocupações terrenas em vista de

---

<sup>57</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 375.

<sup>58</sup> J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 138.

outras novas, decorrentes da fé”<sup>59</sup>. E, ao despertar para a fé, a samaritana começa uma vida nova de testemunho. Ela testemunhará acerca de Jesus aos samaritanos que despertam também para a fé: “E diziam à mulher: Já não é pelo teu dito que nós cremos; porque nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo” (4,42). É curioso notar neste episódio que os samaritanos já não necessitam de sinais para chegarem à autêntica fé cristã, mas apenas confiam na palavra do revelador. Eles passaram dos sinais à palavra.

### **c) O oficial régio**

Mas, uma fé ainda mais perfeita na Palavra de Jesus, que a dos samaritanos, é a do oficial régio, capaz de manifestar uma fé exclusiva na palavra de Jesus. Ele se apoia somente na palavra, sem sinais diretos. A lição que o autor do Evangelho segundo João nos pretende transmitir é que, da fé meramente humana, suscitada pelos sinais, se deve passar à fé na palavra<sup>60</sup>. Os sinais têm apenas a função de conduzir a Jesus e à fé na sua palavra. É diante da sua palavra que ocorre o juízo (12,48), isto é, que se põe a descoberto a atitude de fé ou de incredulidade dos homens. Portanto, é pela palavra que se dá a fé perfeita, em sentido joanino. Mas, para chegar a esta fé perfeita, o oficial régio teve de fazer um caminho de progressão na fé. Inicialmente, ele tem apenas fé de que Jesus pode curar o seu filho, porém, não tem ainda fé em Jesus como verdade e vida. Por isso, Jesus lhe lança um desafio à fé: “Se não virdes sinais e milagres, não creereis” (4,48). Com isto, Jesus lhe faz ver que sua fé é deficiente, porque só se fia no milagre e não no que o milagre significa. Jesus procura primeiro purificar a sua fé para só depois realizar a cura. Como diz Brown, a pedagogia consistiu em fazer com que o funcionário superasse uma fé baseada no milagroso do sinal, para uma fé cujo fundamento era o que o mesmo sinal revelava: Jesus como o dador da vida<sup>61</sup>. De facto, após a repreensão de Jesus o funcionário reage acreditando na sua palavra: “O homem creu na palavra que Jesus lhe disse, e se pôs a caminho” (4,50). Ele creu em Jesus Palavra, e “se pôs a caminho”. A expressão ‘se pôs a caminho’, mostra bem a dinâmica da fé que impele a caminhar. Quando se encontra com os

---

<sup>59</sup> R. VIGNOLO, *Personaggi del Quarto Vangelo*, Glossa, Milano, 2003, p. 160.

<sup>60</sup> Cf. F. CALLE, *A Teologia do Quarto Evangelho*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1978, p. 69.

<sup>61</sup> Cf. R. E. BROWN, *El Evangelio Seguin San Juan*, Crisandad, 1979, vol. I, p. 403.



criados que lhe dizem que seu filho vive, ele já acreditava antes, porém, agora vai acreditar ele e toda a sua família (4,53).

### **c) Os doze e os judeus após o sinal da multiplicação dos pães**

Ainda na Galileia, por ocasião da multiplicação dos pães e dos peixes (6,1-14), e depois de Jesus se apresentar como o Pão da Vida (6,26-59), vemos ser professada a fé de Pedro e dos doze na Palavra de Jesus, em contraposição com a incredulidade de muitos discípulos (6,60-71). Pedro diz: “A Quem iremos nós Senhor? Só tu tens palavras de vida eterna! E nós cremos...” (6,68-69). Pedro crê na Palavra de Jesus, ao contrário de outros judeus que murmuram<sup>62</sup> contra Jesus (6,41). Como indica Francisco de la Calle, é interessante verificar que, quando os judeus acorrem pedindo-lhe um sinal para poderem crer nele (6,30), Jesus não alude à multiplicação que acaba de realizar, mas à sua própria pessoa. Ele é o pão vivo descido do céu (6, 32-33). O milagre anteriormente realizado serviu só para que cressem nele, no seu testemunho (na sua Palavra), na sua pessoa, capaz de converter-se em alimento do mundo. O milagre-sinal foi somente o trânsito à pessoa do revelador<sup>63</sup>. O milagre-sinal apoia apenas a qualidade revelante da Palavra de Jesus. Começou-se o relato por um sinal que conduzia à fé em Jesus e termina-se propondo a fé em sua Palavra, sem apoio de nenhum sinal. Mas, serão somente Pedro e os doze que corresponderão a esta fé na Palavra de Jesus: “Senhor, só tu tens as Palavras de vida eterna” (6,68). Ao contrário, os judeus murmuram contra Jesus (6,41.43.61) e se mostram incrédulos. Também muitos discípulos seguem esta atitude dos ‘judeus’, pois, também eles se escandalizam e murmuram (6,60-61). Chegamos aqui a um ponto em que será apenas a fé na Palavra de Jesus a servir de critério para distinguir os verdadeiros discípulos. Estes são aqueles que passaram da fé nos sinais à fé na sua Palavra e na sua pessoa.

---

<sup>62</sup> “Esta murmuração dos ‘judeus’ aparece qualificada no Evangelho com o mesmo termo que a murmuração do povo de Israel no deserto (Ex 15,24; 16,2-7.12; 17,3; Nm 11,1;14,2.27,etc.) através da expressão γογγύζειν ou do reforçado διαγογγύζειν. João Evangelista usa a mesma palavra que os LXX para descrever esta conduta de incredulidade dos ‘judeus’. Uma palavra que vem considera já no antigo testamento como incredulidade (Sl 105,24s,LXX), como desobediência á palavra-exortação do senhor (Is30,12). Somente aqui no IV evangelho é que os judeus murmuram contra Jesus e sua palavra (6,41.43.61)” (Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Segun San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, cf.: p. 90).

<sup>63</sup> Cf. F. CALLE, *A Teologia do Quarto Evangelho*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1978, p. 33.

O sinal multiplicação dos pães aponta para Jesus como o novo Moisés que dá o novo maná. Trata-se de um tema que era central na teologia dos judeus, recorrente ao longo dos tempos (Ex 16, 14.31; Dt 8, 3; Ne 9, 20; Sb 16, 20-21; Am 8, 11; Sl 78, 24). Quando viesse o Messias deveria apresentar sinais destes para ser identificado, ao que corresponde a intenção do autor ao apresentar este sinal. Porém, como nos mostra o Evangelho, os judeus não aceitam a significação deste sinal e procuraram outros sinais à medida do seu orgulho e autossuficiência: “Que sinal, pois, tu fazes, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que obra tu realizas?” (6,30). “O problema reside, assim, na rigidez teológica dos judeus que não se abrem à Palavra profética das expectativas messiânicas. De facto, o tema do maná já aparecia, ao longo dos tempos, na própria Bíblia, não apenas como uma comida duma planta, mas em sentido simbólico-sapiencial. E é deste modo que os livros sapienciais desenvolvem o sentido do pão da Palavra e a comida do banquete messiânico (Sir 15,1.3; 24,19-21; Sb 16,20.26; Pr 9,1-6)<sup>64</sup>.

Os judeus representam sobretudo a perversão da reta vontade, pois, como vimos, tinham motivos suficientes para se abrirem à mensagem da fé.

## ***1.2. A frente da incredulidade dos “judeus” em Jerusalém***

Jerusalém é o palco de confronto de Jesus com os judeus. Jesus sobe a Jerusalém por ocasião das principais festas judaicas e a sua revelação decorrerá ao ritmo destas mesmas festas. Jesus se servirá da riqueza teológica da liturgia judaica para explicitar a sua mensagem<sup>65</sup>. Primeiramente vemo-lo em diálogo privado com Nicodemos (cap. 3) e depois em encontros públicos com os demais judeus (a partir do cap. 5). Estes encontros assumem a forma de diálogos que se convertem com frequência em diatribes contra os ‘judeus’ incrédulos.

---

<sup>64</sup> Cf. J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 164.

<sup>65</sup> Cf. J. D. LOURENÇO, *O Mundo Judaico em que Jesus Viveu*, UCE, Lisboa, 2005, p.165.

### **a) Nicodemos**

Nicodemos, no seu primeiro encontro com Jesus, representa todos os judeus incrédulos que permanecem na noite da fé ou na incredulidade. Sinal disso é que Nicodemos fala em plural: “sabemos que vieste...” (3,2)<sup>66</sup>. O ato de Nicodemos procurar a Jesus durante a noite representa precisamente que ele se situa na noite da fé ou da incredulidade<sup>67</sup>. Porém, como vemos ao longo do Evangelho, Nicodemos não permanecerá na noite da fé como os demais judeus. Ele virá paulatinamente da noite para o dia. A história de Nicodemos não terminará aqui, neste primeiro encontro. Posteriormente, nós vemo-lo a se posicionar a favor de Jesus (cf. 7,50;19,39). Porém, neste primeiro encontro, Nicodemos aparece como o porta-voz dos ‘judeus’ que não acreditam. É neste contexto que aparece no final do diálogo uma explicação sobre a fé e a incredulidade: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus. E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz” (3,18-19). A condenação ou o ‘juízo’ se decide com base na fé ou na incredulidade. E a culpa da condenação é unicamente dos homens porque ‘amaram’ mais as trevas que a luz. Esta incredulidade dos judeus tornar-se-á notória e evidente quando Jesus começar a realizar os seus ‘sinais’ (σημείων) em Jerusalém.

### **b) Cura do paralítico**

O primeiro dos sinais de Jesus em Jerusalém é a cura do paralítico na piscina de Betzatá (5,1-18). É uma cura que o autor descreve em dia de sábado. Por ser sábado, os judeus criticam o facto da cura e acusam a Jesus de ser transgressor do sábado. Mas, Jesus realiza-o precisamente para chamar a atenção dos judeus sobre o seu poder. As águas medicinais da piscina servem apenas de ‘sinal’ da verdadeira água medicinal que é Jesus - o dador a Vida<sup>68</sup>. Ele diz agir em conformidade com o Pai: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (5,17). Isto dá origem a uma nova acusação: “dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (5,18). Jesus apresenta as credenciais do Pai e a sua

---

<sup>66</sup> Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p. 99.

<sup>67</sup> No Evangelho segundo João a noite significa a atitude espiritual de incredulidade, a esfera das trevas, da ignorância e da mentira, que se opõem a Jesus. Por exemplo, era de noite quando Judas saiu do cenáculo (13,30). E os incrédulos são aqueles que “amam mais as trevas do que a luz” (3,19).

<sup>68</sup> Cf. J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 160.

ligação única com o mesmo; Ele é a ‘vida’ e dá a vida, assim como o Pai dá a vida: “Assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer” (5,21). Ele apenas realiza a vontade do Pai: “porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou”. Ora se o seu operar manifesta o próprio querer do Pai, isso significa que está ab-rogada a lei sabática, o que os judeus rejeitam perentoriamente. Jesus se remete a provas e a testemunhos. Jesus possui a um testemunho maior que o de João: o testemunho das obras que o Pai lhe deu para realizar, e que para ele é decisivo (5,36). Para provar sua missão divina Jesus se remete às suas obras (cf. 10,25.32.37s; 14,10s; 15,24), pois segundo João Evangelista, as obras mostram que o Pai está atuando nelas (cf. 5,17.19)<sup>69</sup>. Contudo, os judeus não creem nele. Eles chegam a ficar impressionados com os ‘sinais’ (cf. 3,2; 9,16; 11,47) mas não o reconhecem como o enviado do Pai (cf. 9,30-33; 10,25.33; 12,37; 15,24). Jesus critica mordazmente a sua atitude e afirma deles: “Bem vos conheço, e sei que não tendes em vós o amor de Deus. Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis. Como podeis vós crer, vós que recebeis a glória uns dos outros, e não buscais a glória que vem só de Deus?” (5,42-44). Diz R. Schnackenburg que por detrás desta atitude dos judeus “está presente uma culpa moral. Busca-se a própria honra, a autoafirmação, não a glória de Deus e o reconhecimento através de Deus”,<sup>70</sup>.

Enquanto ‘sinal’ de manifestação da glória de Deus este sinal aparece também relacionado com a ‘hora’ de Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a ‘hora’, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão” (5, 25). Estes mortos que escutam a voz de Deus são os mortos espirituais<sup>71</sup>. São aqueles que escutam a voz de Deus, mediante a manifestação da glória de Deus na ‘hora’ da cruz. A glória que já se revela nos ‘sinais’ há-se aparecer em toda a sua plenitude na hora da cruz e aqueles que acreditarem viverão. No Evangelho segundo João percebemos um movimento convergente para a cruz de Jesus: ali se manifestará plenamente a glória de Deus em ordem à fé plena.

---

<sup>69</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 180.

<sup>70</sup> R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. II, p. 186.

<sup>71</sup> Cf. *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 1997.

### **c) A cura do cego de nascimento e a cegueira dos judeus (7-10)**

Depois, no contexto da festividade dos tabernáculos, o autor narra-nos a cura do cego de nascença (9,1-41), colocando dois núcleos de ensinamentos de Jesus antes do milagre (7,14-52; 8,12-59) e outros dois ensinamentos depois – Jesus porta, Jesus pastor (10,1-21); tudo em íntima conexão. Depois, já fora da festa, o autor coloca o milagre da ressurreição de Lazaro (cap. 11). Até aqui, no Evangelho, os discursos seguiam-se aos sinais, agora teremos discursos que antecedem os sinais dando-lhes uma determinada moldura, dentro da qual têm sentido. Nos primeiros discursos, no contexto da festa da luz, Jesus se declara como “a luz do mundo e a luz da vida” (8,12). Ele é luz que dá vista aos cegos e vida que ressuscita os mortos. Por isso, cura o cego de nascença (9,1-41) e ressuscita Lazaro (cap. 11).

No episódio da cura do cego vemos-lo a fazer um percurso progressivo de fé. De início, reconhece no seu benfeitor apenas o “homem chamado Jesus” (9,11). Depois declara que Jesus “é um profeta” (9,17). E finalmente, quando se reencontra com Jesus que lhe diz: “Crês tu no Filho do Homem?” (9,35), ele exclama: “Creio, Senhor” (9,38). Este relato mostra-nos um progresso na fé naquele que era cego; um progresso que os próprios fariseus se negam a fazer. Ele mesmo confronta os fariseus com a sua falta de fé, dizendo: “Nisto, pois, está a maravilha, que vós não saibais de onde ele é, e contudo me abriu os olhos. Ora, nós sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é temente a Deus, e faz a sua vontade, a esse ouve... Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer” (9,30-33). O que era cego confronta-os com a evidência dos factos e confessa-se espantado com a sua incredulidade. Este homem representa aqui o protótipo da fé perfeita, de alguém que passou de uma fé incipiente para uma fé perfeita. Primeiro creu no Jesus dos milagres e depois creu no Jesus da Palavra. Ele não reconhece em Jesus somente o enviado de Deus que realiza prodígios mas a própria presença de Deus na história. A sua fé última não deriva mais do milagre mas já somente da Palavra de Jesus. Ele representa todos os que da cegueira espiritual passam à luz da fé. Os fariseus, porém, representam aqueles que, vendo a luz, a rejeitam e se arvoraram em juizes dela, permanecendo na cegueira. São aqueles que se transformam em cegos voluntários, tornando-se culpados da mesma. Sua cegueira voluntária os julga: “Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem sejam cegos” (9,39). Eles são cegos porque em sua autossuficiência

se fiam das suas próprias luzes, em oposição aos humildes, dos quais o cego é o símbolo (cf. Dt 29,3; Is 6,9s; Jr 5,21; Ez 12,2)<sup>72</sup>. A sua cegueira é a sua obsessão na incredulidade<sup>73</sup>; por isso permanecem no pecado: “Se fósseis cegos, não teríeis pecado; mas como dizeis que vedes, o vosso pecado permanece” (9,41). Este estado de ‘pecado que permanece’ anuncia perentoriamente a culpabilidade da atitude não crente dos judeus. Quando os judeus pedem para Jesus declarar se de facto é o Messias, Ele lhes responde: “Já vo-lo disse, mas não credes” (10,25). E aponta o testemunho a seu favor: “As obras que faço em nome de meu Pai, estas dão testemunho de mim. Mas, não credes, porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz...” (10,25-26). As suas obras testemunham que ele é o Filho de Deus, que “Ele e o Pai são um” (Cf. 10,30). Mas os ‘judeus’ o acusam de blasfemo (10,36) e o procuraram apedrejá-lo ou prender (10,31.39). O último recurso que Jesus lhes apresenta para a fé são as obras (10, 38). Estas devem conduzi-los, como ao cego de nascença, à fé nele e na sua Palavra. Jesus lhes diz: “Se não quereis crer em mim, crede ao menos nas minhas obras, para que saibais e reconheçais que o Pai está em mim e eu no Pai” (10,38). Mas é precisamente isto que os judeus se recusam a reconhecer: “que o Pai está nele e ele no Pai”. Por isso, o acusam de blasfemo (10,36) e não creem na sua Palavra. Antes, o procuraram apedrejar ou prender (10,31.39). Eles não são das ovelhas de Jesus que escutam e creem na sua Palavra, como o foi o cego de nascimento. Além disso, os judeus consideram que Jesus viola o sábado. Os judeus não só não aceitam que ele se faça igual ao Pai como o condenam por realizar as suas obras em dia de sábado. Porém, Jesus justifica a sua atuação. Utilizando o argumento rabínico *a minori ad maius*, Jesus demonstra que a obra curativa em dia de sábado não se pode considerar como uma transgressão da lei. Se o próprio Moisés ordenou a circuncisão até no dia de sábado também Ele, o enviado do Pai, pode realizar obras em dia de sábado: “Moisés vos deu a circuncisão, e até no sábado circuncidais um homem! Se um homem recebe a circuncisão em dia de sábado, e isso sem violar a Lei de Moisés, por que vos indignais comigo, que tenho curado um homem em todo o seu corpo em dia de sábado? Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça” (7,22-24). Se os judeus são circuncidados ao oitavo dia, precisamente segundo a lei, ainda que esse dia coincida com o sábado é porque a

---

<sup>72</sup> Cf. *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 2012.

<sup>73</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 321.

circuncisão, como sinal da aliança, é um preceito tão urgente que ‘despensa do sábado’. Ora, se se permite a circuncisão que só afeta a um membro do homem, quanto mais não estará permitida a cura do homem inteiro!? A ‘única obra’, que Jesus realizou no sábado, foi uma ‘cura’, uma salvação do homem inteiro. Seu ato foi uma “salvação da vida” em sentido profundo, cumprindo assim a lei de Moisés em sua intenção genuína<sup>74</sup>. Ainda assim, os judeus se escandalizam com a atuação de Jesus. Mas, como nos diz R. Schnackenburg, este escandalizar-se (θαυμάζειν) tem um duro eco negativo, é um escandalizar-se vinculado à incredulidade<sup>75</sup>. Portanto, toda a acusação dos judeus em relação a Jesus está vinculada por sua atitude de incredulidade e não por argumentos plausíveis. Jesus oferece-lhes verdadeiros critérios de discernimento para puderem chegar à verdade, porém os judeus cometem o pecado de permanecer na incredulidade, fazendo-se cegos a si mesmos.

Toda esta incredulidade injustificada dos ‘judeus’ permite-nos já anunciar a ideia fundamental para a qual se orienta este trabalho, e que será desenvolvida no capítulo seguinte: o que determina a fé em detrimento da incredulidade ou vice-versa é a livre vontade humana. A intuição fundamental é de que no Evangelho segundo João o homem pode optar livremente pela fé ou pela incredulidade, independentemente do conhecimento que recebe da revelação. A possibilidade do ‘pecado’ que consiste na incredulidade diante da revelação divina é evidente no Evangelho segundo João. Esta é a situação dos ‘judeus’ que, apesar de verem todos os sinais de Jesus, não acreditavam.

#### **d) A ressurreição de Lazaro**

Após o sinal da cura do cego se segue a ressurreição de Lazaro, um sinal que representa o zénite da atividade taumatúrgica de Jesus. Junto com a cura do cego de nascimento, este milagre descobre o fio condutor da cristologia do Evangelho segundo João: Jesus é a luz e a vida do mundo (cf. 1,4; 8,12). Diante da ressurreição de Lazaro os ‘judeus’ tomam a decisão oficial de matar a Jesus (11,47-50). É interessante verificar que é justamente no momento que Jesus se revela da forma mais eloquente através do seu poder vivificador que os homens incrédulos decidem aniquilá-lo. Os fariseus até renunciavam a uma

---

<sup>74</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Segun San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 194.

<sup>75</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. II, p. 193.

investigação do ‘caso’, diferentemente do que se sucedeu com o cego de nascimento (9,13-34), dado que tal facto era evidente e não se podia discutir. Através deste ultimo sinal da ressurreição de Lazaro, Jesus mostrou inequivocamente ser o enviado de Deus através da manifestação explícita da glória de Deus. O próprio Jesus convida Marta a contemplá-la (cf. 11,40). Antes mesmo de realizar este milagre Jesus havia dito aos discípulos que a doença de Lázaros “não era para a morte, mas sim para glória de Deus, para que o Filho de Deus fosse glorificado através dela” (11,4). Ele expressa isto mesmo depois na sua oração ao Pai, diante do túmulo de Lazaro e perante os presentes: “Pai, Eu te dou graças, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste” (11,41-42). Diz o Pe. Carreira das Neves que o objetivo é claramente suscitar a fé dos espectadores, pois não é por acaso que o verbo crer aparece sete vezes na narrativa<sup>76</sup>: “para que acrediteis” (11,15); “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (11,25); “Todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá” (v. 26a); “Crês tu nisto?” (11,26b); “...creio que tu és o Cristo...” (11,27); “...se creres, verás a glória de Deus” (11,40); “para que eles creiam que tu me enviaste” (11,42); “Muitos dos judeus... que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele” (11,45). Não se diz, no fim da narrativa, que os discípulos ou Marta e Maria acreditaram nele, mas apenas que “muitos dos judeus... que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele”. Os discípulos, Marta e Maria, ficaram esquecidos. Isto, porque o objetivo da narrativa vai além dos discípulos e da família de Lazaro. Tem em vista os judeus. Contudo, apesar de muitos crerem, a maioria, a começar pelos responsáveis do sinédrio e pelo sumo-sacerdote Caifás, resolveram dar-lhe a morte (11,47-50). Verificamos que, fundamentados numa mesma realidade – os sinais realizados – uns iniciam sua caminhada de fé e outros resolvem assassiná-lo. Segundo R. Schnackenburg, a tendência teológica do autor, ao apresentar estes factos, é a de estigmatizar a estreiteza de vista, a ambição e a inveja humana dos dirigentes do povo (5,44; 12,43), que nem sequer se decidem a mudar de opinião diante de um prodígio tão grande e manifesto<sup>77</sup>. Mas o sinédrio, ao tomar a decisão de matar a Jesus, ao contrário de o aniquilar, estará erguendo um ‘sinal’ de glória bem maior, como o havia predito o próprio Jesus: “Destruí este templo, e em três dias o levantarei...” (2,19). A

---

<sup>76</sup> Cf. J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 204.

<sup>77</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 442.



oposição a Jesus só servirá para que se manifeste totalmente a sua glória. De facto, a ressurreição de Lazaro serve mais precisamente para Jesus anunciar a sua própria ressurreição. A ressurreição de Lazaro é apenas o sinal da sua própria ressurreição, pois ele é em si mesmo a ressurreição e a vida (11,25). É precisamente este o significado da ‘unção’ dos pés de Jesus por parte de Maria (12, 1-11). Este gesto representa a fé em Jesus como ‘Ressurreição’ e ‘Vida’. O corpo de Jesus ungido corporiza a vitória da ressurreição sobre a morte.

Após o relato da ressurreição de Lazaro, o autor conclui o livro dos sinais desta maneira: “Embora Jesus tivesse realizado diante deles tantos sinais portentosos, não criam nele” (12,37). É uma espécie de síntese acerca da atitude dos ‘judeus’ ao longo de todo o Evangelho foi sempre de rejeição e perseguição à pessoa de Jesus, o enviado do Pai. E também em forma de conclusão dá uma explicação para a mesma incredulidade: “Porque amaram mais a glória dos homens do que a de Deus” (12, 43).

### ***1.2.1. O sentido negativo do termo ‘os judeus’***

A expressão ‘os judeus’ (οἱ Ἰουδαῖοι) aparece com frequência no Evangelho segundo João para indicar os opositores de Jesus. Os ‘judeus’ são “o símbolo dos descrentes e os representantes do mundo incrédulo”<sup>78</sup>. Este termo é o mais usado pelo autor para referir-se aos antagonistas de Jesus<sup>79</sup>, aparecendo 33 vezes no Evangelho como seus inimigos. Este dado é ainda mais chocante se tivermos em conta que a expressão aparece muito raramente nos sinópticos. O Evangelho segundo João apresenta um judaísmo que polemiza com Jesus. De facto, dos ‘judeus’ se diz que perseguiram a Jesus (5,16), procuravam matá-lo (7,1); murmuravam de Jesus (6,41); acusavam-no de ter um demónio (8,48); expulsavam da sinagoga quantos acreditassem nele (9,22); pegaram em pedras para o apedrejar (10,31); prenderam a Jesus, maniatarem-no (18,12) e conduziram-no a Pilatos para o crucificar (19,6). Porém, a expressão ‘os judeus’ não é exata pois Jesus e seus discípulos eram também judeus. No Evangelho segundo João ‘os judeus’ aparecem em

---

<sup>78</sup> K. WENGST, *Interpretación del Evangelio de Juan*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1988, p. 41.

<sup>79</sup> Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p. 271.

contraste com todo um outro segmento da população que é igualmente judaico<sup>80</sup>. Por isso, este termo quando usado em sentido negativo, não é utilizado em sentido étnico ou racial, ficando claro que, “judeu não é judaico”<sup>81</sup>. Como diz G. Caron, “os judeus designam uma religião mais do que uma nação e devem ser vistos a partir do povo que observa a lei e que se opõe a Jesus em razão da mesma lei”<sup>82</sup>. A expressão “os judeus” tem dois significados: um social e outro negativo. Como grupo social, representa as pessoas da nação judaica. Em sentido negativo, são aqueles que não acreditam em Jesus, que concluem que é um blasfemo e que deve morrer<sup>83</sup>. Portanto, este termo quando usado por autor com conotação adversativa, não indica os judeus em geral. É necessário deixar claro que João Evangelista e o Evangelho segundo João não são antijudaicos<sup>84</sup>. A expressão ‘os judeus’: indica um grupo especial no ambiente judaico, oposto a Jesus e a seus discípulos e, de modo especial, os líderes ou autoridades judaicas. Por isso, como afirma Carreira das Neves, em muitas passagens, em vez de ‘os judeus’ devíamos traduzir por ‘autoridades judaicas’<sup>85</sup>. Se trata de um grupo qualificado por sua atitude pessoal e seu espírito<sup>86</sup>. De facto, no seio do judaísmo há dois grupos em especial que são destacados pelo autor como opositores de Jesus: os fariseus e os sacerdotes. Destes se diz que mandaram servidores para prenderem a Jesus (7,32); tentavam-no, para que tivessem com que o acusar (8,6); formaram conselho e deliberaram a sua morte (11,47-57); entregaram-no a Pilatos para o crucificar (18,35;19,6).

<sup>80</sup> Cf. D. BERGANT, – R. J. KARRIS, *Comentário Bíblico*, Edições Loyola, São Paulo, 2001, Vol. 3, p. 120.

<sup>81</sup> G. CARON, *Qui Sont les Juifs de l'Évangile de Jean?*, Bellarmin, Paris, 1997, p. 23.

<sup>82</sup> G. CARON, *o.c.*, p.28.

<sup>83</sup> Cf. J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 180.

<sup>84</sup> Os exegetas são unânimes em afirmar que João não possuía uma intenção antijudaica quando usou esta expressão ‘os judeus’. E distinguem até alguns critérios que precisam o sentido desta expressão:

*Critério de ordem histórica*: João Evangelista não tem intenção de se referir aos judeus de todos os tempos mas somente aos judeus do primeiro século;

*Critério de ordem sociológica*: João Evangelista não tem intenção de se referir a todo o judaísmo, mas somente às autoridades judaicas;

*Critério de ordem teológica*: João Evangelista não tem intenção de se referir a todos os judeus mas somente àqueles que odiaram e não acreditaram em Jesus.

*Critério de ordem geográfica*: João Evangelista não tem intenção de se referir a todos os lugares mas à galileia e/ou Judeia;

Assim, podemos verificar que o conflito apresentado no Evangelho segundo João é apenas de ordem religiosa e não de outra ordem. O Verdadeiro conflito não é com o judaísmo mas com os incrédulos... Os judeus representam apenas um caso particular de uma realidade universal, que diz respeito a todos os homens e a todos os tempos. João Evangelista transcende o seu tempo histórico com o fim de iluminar outras circunstâncias e outros tempos (Cf. AA.VV. *Antijudaism and the Fourth Gospel*, Published by Westminster John Press, Kentucky, 2001, p.9).

<sup>85</sup> Cf. J. C. NEVES, *o.c.*, p. 178-181.

<sup>86</sup> Cf. G. CARON, *o.c.*, p.173.

O texto qualifica-os com a expressão εἶναι ἐκ (ser de), estabelecendo um nítido contraste entre ‘ser do diabo’ e ‘ser de Deus’ (Cf. 8,44.47). Esta expressão εἶναι ἐκ indica pertença, uma pertença de ordem espiritual, que pode ser traduzida por ‘estar sob a influência de’. Isto indica que a sua atitude e o seu agir está inspirado pelo diabo do qual eles querem cumprir os desejos<sup>87</sup>. Trata-se, portanto, de uma pertença a partir de uma escolha feita e que se manifesta como um modo de ‘ser’. R. Schnackenburg diz que, nesta passagem (8,30-47), dificilmente se pensa numa inspiração do diabo e que se tende mais bem a assinalar que, assim como o diabo fala a mentira, dada sua índole interna, e não pode fazer outra coisa, também assim o fazem os homens a partir de uma disposição interior. E que, o diabo enquanto ‘pai da mentira’ não é senão o modelo de toda a atividade contrária a Deus, que se caracteriza como ‘mentira’<sup>88</sup>.

## ***2. A paixão de Jesus e a contemplação da glória***

Em 12,20-36, o autor formula, com grande criatividade, uma conclusão adequada para o ministério público de Jesus: olha a morte de Jesus na cruz (vv. 24.33) como a hora da ‘exaltação’ do Filho do homem (vv. 23.32) e, por conseguinte, da glorificação e triunfo de Jesus (vv. 31s). Da morte brotará a vida, como o ilustra a imagem do grão de trigo (v. 24). A glorificação de Jesus é portadora, ainda, de uma fecundidade universal, na atração que exerce sobre todos os homens dispostos a crer (v. 32)<sup>89</sup>. A sua morte é a hora da glorificação do Filho do Homem (12,23), é a hora da revelação da sua glória (12,27s), a que todos podem contemplar e ser atraídos, em ordem à fé. Até agora só se tinha falado que não tinha chegado ainda a “sua hora” (7,30; 8,20); mas, desde agora, a ‘hora’ se faz presente. É

---

<sup>87</sup> Cf. G. CARON, *Qui Sont les Juifs de l’Evangile de Jean?*, Bellarmin, Paris, 1997, p.229.

<sup>88</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Segun San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p.286.

<sup>89</sup> Este tema da atração aparece implícito no diálogo com Nicodemos, quando Jesus lhe diz que é necessário que o Filho do Homem seja erguido ao alto assim como Moisés ergueu a serpente no deserto (cf. 3,14). Deve-se notar a arma principal da serpente é a sua capacidade de atracção fascinante, seu olhar hipnotizante que seduz e atrai irremediavelmente a vítima. Se trata de uma atracção irresistível, de uma fascinação deslumbrante, que atrai para si com grande força. A atracção é um elemento fundamental na concepção soteriológica joanina. Recordemos como num outro momento Jesus fala de que ninguém pode vir até ele se o pai não o atrair (cf. 6,44). Mas, não se trata de uma atracção que anula a liberdade do homem, mas de uma força interior, de uma luz clara e formosa que quando alguém a vislumbra se sente inclinado a caminhar para ela.

o que indicam os três advérbios *vûv* (agora) dos versículos 12,27.31a.31b<sup>90</sup>. Se, por meio dos sinais Jesus já tinha glorificado o Pai, manifestando a sua glória, agora chegou a hora de o glorificar plenamente conforme a sua dupla afirmação: “já o glorifiquei e o glorificarei de novo” (12,28). De facto, o aoristo *ἐδόξασα* (glorifiquei) se refere a toda a vida passada de Jesus, e o futuro *δοξάσω* (glorificarei) se refere à plenitude da ‘hora’; à manifestação plena da *δόξα* de Deus<sup>91</sup>. Com isto, vemos que, para o Evangelho segundo João, a ‘hora’ de Jesus é a plenitude da revelação. Se mediante os seus ‘sinais’ Jesus já tinha manifestado a glória de Deus, agora, na ‘hora’ da cruz, ele próprio é o ‘sinal’ da manifestação plena da glória (*δόξα*) de Deus. Como diz Klaus Wengst, “chegada a hora (13,1), já não se faz menção de mais nenhum sinal realizado por Jesus. A ‘hora’ é a linha divisória entre o sinal profético milagroso e a realidade profética”<sup>92</sup>. Os ‘sinais’ são apenas símbolos da glória que deixam entrever, porém, a cruz não simboliza apenas, mas é em si mesma a manifestação da glória<sup>93</sup>.

Este conceito da glória (*δόξα*) recolhe em si a conceção veterotestamentaria de *Kabôd*, pela qual Deus se revela nas teofanias como poderoso e salvador<sup>94</sup>. Através desta é possível precisar melhor o horizonte dessas afirmações no Evangelho segundo João. Trata-se da revelação de Deus em seu Filho, que pessoalmente possui a glória divina e a traz como salvação aos homens, em seu ministério terrestre, primeiro por meio dos ‘sinais’ e, depois, de modo particular na ‘hora’ da cruz. Nessa ‘hora’ o Filho revela de forma suprema o amor de Deus pelo mundo e espera dos homens a resposta da fé. Contudo, como o antigo povo de Israel, também agora muitos ‘judeus’ rejeitam o ‘Verbo’ de Deus e incorrem em condenação. É por isso que, abordando o tema de glória nesta passagem de 12,20-36, Jesus se refere ao julgamento: “Agora é o julgamento (*κρίσις*) deste mundo” (12,31). Para melhor entender esta associação de ideias, há que recordar a *κρίσις* de 3,18-19: “Quem crê nele não é julgado; mas quem não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus. E o julgamento é este: Que a luz veio ao mundo, e os homens

<sup>90</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Segun San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p.473.

<sup>91</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, p. 479.

<sup>92</sup> K. WENGST, *Interpretacion del Evangelio de Juan*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1988, p. 127.

<sup>93</sup> Cf. X. LEON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho Segundo João*, Bíblica Loyola, Edições Loyola, S. Paulo, 1996, vol. IV, p. 184.

<sup>94</sup> Cf. B. MATEUS – J. BARRETO, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, Edições Paulinas, São Paulo, 1989, p. 116.

amaram mais as trevas do que a luz”. Portanto, o juízo tem lugar na própria incredulidade. Se os ouvintes, inclusive agora, permanecem sem inteligência nenhuma perante o ato revelador e não chegam a crer no enviado de Deus, incorrem por essa mesma razão no ‘juízo’<sup>95</sup>. De facto, a ‘hora de Jesus’ está em ordem a uma decisão de fé, pois através da mesma Jesus manifesta a sua glória e evidencia plenamente a sua divindade. Porém, é uma evidência que nasce da beleza do amor manifestado na cruz de Jesus Cristo, como veremos mais adiante. Como sabemos, o caminho usado por Jesus para revelar a sua ‘glória’ foi a sua doação de amor: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”<sup>96</sup> (13,1). A ‘hora’ da cruz está envolvida e compenetrada pelo amor, de modo que, a cruz é o sinal do amor glorioso. É o amor que revela plenamente a glória de Deus diante dos homens. Através do amor, Deus manifestou todo o seu poder, toda a sua força e toda a sua glória.

Jesus amou os seus desde o princípio. Este amor se mostrou primeiramente nos sinais-milagres a favor dos homens e ao final se mostrou em toda a sua perfeição com a doação da vida. A morte de Jesus é a revelação insondável do seu amor pelos seus, amor mostrado em obras e palavras. Quando as palavras já nada podiam dizer os seus atos falaram mais eloquentemente. Como nos diz R. Latourelle, tudo quanto na manifestação divina era incomunicável, exprime-se nos braços estendidos e no corpo exangue, no coração trespassado pela lança do centurião, de modo que, a revelação pela palavra consumou-se e foi selada pela revelação-ação<sup>97</sup>. É precisamente esta revelação silenciosa, mas eloquente que João Evangelista contempla. E, onde outros podiam pensar que Deus se

---

<sup>95</sup> Segundo João Evangelista, o ‘juízo’ tem lugar no mesmo momento em que alguém toma partido a favor ou contra Jesus. Porém, insiste o evangelista que não é Deus quem julga: “O pai não julga a ninguém” (5,22); e, também, o Filho afirma: “Eu a ninguém julgo (8,15), porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para o salvar” (12,47). “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (3,17). O verdadeiro juízo é atribuído à palavra de Jesus: “Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há de julgar no último dia” (12,48). A palavra de Jesus é juízo discriminatório, que separa os homens, isto é, é a palavra aceite ou rejeitada que estabelece o juízo. A atitude interior do homem fica a descoberto mediante o acolhimento ou a rejeição da palavra. Na verdade é o homem que se julga a si mesmo mediante a sua atitude de aceitação ou rejeição da palavra. Portanto, quem rejeita a Jesus e não recebe a sua palavra julga-se a si mesmo. Como nos diz o Pe. Carreira das Neves, “em João o não acreditar é sinónimo de rejeição da própria salvação” (J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 181).

<sup>96</sup> A expressão “até o fim” (εἰς τέλος) significa o amor de Jesus que vai até ao extremo.

<sup>97</sup> Cf. R. LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 425.

esconde na cruz, João Evangelista pensa que é ali precisamente onde se revela<sup>98</sup>. João Evangelista pretende mostrar a glória de Jesus precisamente através do sofrimento e da humilhação. É ali, na ‘hora’ da cruz, que a glória do amor se revela em todo o seu esplendor. É ali, na ignomínia da crucificação, que resplandece a grandeza de Deus, pois a cruz revela-nos um amor mais forte que a morte. A cruz torna patente a grandiosidade e heroicidade do amor de Deus pelos homens que não se deteve nem sequer ao ver-se submetido à máxima humilhação e à máxima ingratidão. Para ele a humilhação de Jesus não oculta a glória de Deus, antes a revela. João Evangelista não nega a realidade da sua humilhação, e não se escandaliza diante dela, antes, quer chamar nossa atenção para o aspeto glorioso desta humilhação. Para João Evangelista a glória não é incompatível com a humilhação, antes, necessita dela para poder revelar-se. É a sua humilhação que permite revelar a sua glória e a sua divindade que não consiste em honras, êxito, homenagens, favores, mas em fidelidade e em amor<sup>99</sup>. Assim, a maior força, poder e glória se mostra precisamente na doação de amor até ao fim. É por isso que João Evangelista, quando se refere à paixão do senhor, utiliza o verbo exaltar, elevar, glorificar (3,14; 8,28; 12,23) e não o verbo crucificar, ao contrário dos sinópticos. O próprio relato da paixão está descrito com uma tal dignidade e ‘majestade’ que faz da humilhação de Jesus uma verdadeira vitória. João Evangelista narra as dores e os sofrimentos de Jesus contemplando-os desde cima e vê na humilhação de Jesus Cristo a sua mesma glorificação<sup>100</sup>. A cena está cheia de revelações luminosas num ambiente de intimidade divina e humana. Segundo o relato Joanino, no aprisionamento Jesus derruba os seus inimigos por três vezes, unicamente com a sua palavra. No julgamento diante de Pilatos se descreve, em sete cenas concêntricas, toda a majestade e senhorio do rei Israel, cujo reino é real mas não deste mundo. Por ocasião da coroação de espinhos, João Evangelista fala das saudações dos soldados que, sem saber que era verdade, diziam com burlesca solenidade: ‘Salve, Rei dos judeus!’... E no final Jesus dirá triunfante que tudo está cumprido, numa exclamação de vitória e grandeza<sup>101</sup>. A sua

---

<sup>98</sup> Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p. 42.

<sup>99</sup> Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *o.c.*, p. 322-323.

<sup>100</sup> Cf. A. GARCÍA-MORENO, *Introducción al Misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p. 53-54.

<sup>101</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *o.c.*, p. 53-54.

última palavra é um grito, não de desamparo, mas de vitória<sup>102</sup>. Na fraqueza de Cristo na cruz, nos dois braços estendidos e pregados, revela-se o ‘braço poderoso’ de Deus. No imediato ele é o grande vencido; mas, para quem olha a realidade com profundidade, a sua atitude foi mais forte que a atitude dos verdugos. O seu amor que vai até ao extremo revela uma beleza à qual não podemos deixar de aderir. “No conflito entre o horror e a beleza, a beleza sai vencedora. Ela revela um sentido maior que o excesso do não-sentido”<sup>103</sup>. A cruz torna-se evidência e fonte de sentido. É uma evidência de fé que não se obtém pela simples contemplação intelectual da mensagem revelada, mas através de uma sedução que vem do amor<sup>104</sup>. Uma sedução exercida pela beleza da ‘glória’ revelada<sup>105</sup>. Como disse Jesus: “Quando tiverdes erguido o Filho do homem, então sabereis que eu sou” (8,28).

Contudo, apesar de Jesus fazer brilhar a sua glória diante dos homens, alguns preferiram as trevas, como constata João Evangelista: “A luz resplandeceu nas trevas mas as trevas não a apreenderam (κατέλαβεν)” (1,5), isto é, não a captaram com a mente e a vontade como indica o verbo καταλαμβάνειν<sup>106</sup>..

### ***3. A dupla resposta do homem à revelação de Deus***

A fé e a incredulidade são as duas possíveis respostas do homem à revelação (salvação) de Deus em Jesus Cristo. Não se pode falar de fé e de incredulidade se não no

---

<sup>102</sup> Cf. X. LEON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997, vol. III, p. 17.

<sup>103</sup> B. SESBOUÉ, *Pensar e Viver a Fé no Terceiro Milénio*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001, p. 231.

<sup>104</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 434.

<sup>105</sup> Hans Urs von Balthasar diz que esta ‘glória’ surge com uma majestade tal que, sem necessidade de expressamente a exigir, desperta por si mesmo a distância da adoração. A beleza da cruz torna-se evidência e credibilidade, de modo que, a ‘glória’ (o ‘belo divino’ - δόξα), mostra-se como ‘verdade’ (ἀλήθεια) (Cf. 1, 14). A plausibilidade deste amor divino dá-se através da figura revelada do amor que a si mesmo se explica. É algo que se impõe com plausibilidade irrecusável e que só existe no domínio do belo desinteressado. Contudo, como explica o mesmo Balthasar, a plausibilidade da cruz, sendo o amor absoluto, não se insere na série dos *lógoi* das outras doutrinas. Trata-se de uma verdade de um nível superior: “O que Deus em Cristo quer dizer ao homem não pode encontrar a norma nem no mundo no seu conjunto, nem no homem em particular; é incondicionalmente teo-lógico ou, melhor, teo-pragmático: a ação de Deus dirigida ao homem, ação que se expõe a si mesma perante o homem e para ele: ela é credível só como amor; entenda-se o próprio amor de Deus, cuja manifestação é a da glória divina”. Estamos, a um nível em que “a fé perfaz a metafísica e a moral sobrelevando-as”. É uma fé que apreende, numa evidência autêntica, a luz que irrompe da revelação, sem se reduzir às medidas e às leis do homem... (Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Só o Amor é Digno de Fé*, Assírio & Alvin, Lisboa, 2008, p. 23.53-56).

<sup>106</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 264-265.

contexto da revelação, mediante a qual Deus se apresenta ao homem, em Jesus Cristo, e o interpela. A inteira ‘obra’ de Jesus, enquanto enviado do Pai, foi revelar aos homens a glória de Deus em ordem à fé e à salvação: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (3,16). Este envio do Filho ao mundo, como vimos antes, deu-se mediante a encarnação: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade” (1, 14). O Filho é o Verbo, isto é, o Revelador do Pai. Por meio de atos e palavras ele revela a glória de Deus aos olhos dos homens. Sobretudo na cruz ele leva ao ápice esta manifestação da glória de Deus. Como diz João Evangelista, “vimos a sua glória... cheia de verdade” e podemos assegurar que ele é Deus de Deus. A sua glória revelada é um atestado de credibilidade a seu favor. Mediante a mesma, os homens podem constatar a sua origem e natureza divina e prestar-lhe a homenagem da fé. É precisamente este o objetivo de Deus ao revelar a sua glória: suscitar a fé nos homens e consequentemente a adesão à sua pessoa. Jesus mostrou-se em carne humana para, como homem, falar aos homens e se fazer entender. A sua linguagem e o seu atuar foi humano para que todos o entendessem. Como diz Rino Fisichella, “toda a sua realidade pessoal, aquilo que disse e aquilo que fez, até o seu silêncio, foram uma forma de linguagem que Deus empregou para comunicar com o homem; e o homem o pôde perceber e compreender porque tudo lhe veio expresso numa forma compreensível para a sua estrutura cognoscitiva”<sup>107</sup>. Portanto, Jesus falou e revelou a sua divindade numa linguagem humana inteligível e credível. Na cruz tornou-se capaz de atrair a si todos os homens (12,32), isto é, tornou-se capaz de convencer todos os corações da sua divindade e verdade. Uma verdade que se mostra através da majestade e beleza da doação do amor até ao fim (13,1). Uma beleza que induz à adoração. Uma beleza que é evidência e credibilidade, porque só Deus é capaz de amar e doar-se tão grandiosamente como o fez Jesus na cruz. Contudo, não é uma plausibilidade racional mas puramente teológica que a si mesma se explica, porque é o aparecer do amor absoluto<sup>108</sup>. Deste modo, o amor manifestado na cruz é o critério último da credibilidade da revelação de Cristo<sup>109</sup>. Trata-se de um amor que não sendo um sinal neutro mas uma pessoa, desafia o homem a uma resposta. É um amor-

---

<sup>107</sup> R. FISICHELLA, *La Rivelazione / Evento e Credibilità*, CED, Bologna, 1986, p.330.

<sup>108</sup> Cf. H. U. VON BALTASAR, *Só o Amor é Digno de Fé*, Assírio & Alvin, Lisboa, 2008, p. 55-56.

<sup>109</sup> Cf. R. FISICHELLA, *o.c.*, p. 338.



doação que interpela o homem a uma correspondência. É um sinal provocante e interpelante que exige a resposta da fé. Uma resposta de amor ao amor de Deus. A fé é portanto, esta resposta amorosa ao amor de Deus manifestado em Cristo<sup>110</sup>. Contudo, na sua liberdade inviolável, o homem pode responder negativamente ao amor manifestado em Cristo. Apesar da credibilidade e plausibilidade do amor absoluto que se revela, pode haver motivos internos desviantes da vontade humana. O próprio Jesus diz que “é impossível aos homens crer se andam à procura da glória uns dos outros, e não buscam a honra que vem só de Deus?!” (5,44), indicando assim que o amor-próprio pode ser desviante, apesar da credibilidade da revelação.

---

<sup>110</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *Introducción al Misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p.168.

#### IV. A FÉ NO IV EVANGELHO

A fé é um dos temas centrais do Evangelho segundo João. Isso pode ver-se a partir da finalidade a que se propõe o Evangelho segundo João: “Estes sinais foram escritos para que creiais (πιστεύητε) que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (20,31). E importa dizer que esta foi não só a meta pretendida pelo autor, mas também a finalidade de Jesus na realização dos seus sinais; assim o deixa entrever a oração que Jesus eleva ao Pai antes da ressurreição de Lazaro: “Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam...” (11,42). Na conclusão do livro dos sinais podemos ler também que “não obstante ter feito tantos sinais diante deles, não criam nele”(12,37). Vemos, pois, que a finalidade da ação de Jesus é suscitar a fé. O próprio Deus Pai, ao enviar o seu Filho ao mundo, pretendeu a fé daqueles a quem o enviava: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (3,16).

##### *1. Caracterização da fé no Evangelho segundo João*

A fé vem caracterizada, no Evangelho segundo João, como uma adesão à pessoa de Jesus, como uma aceitação, um acolhimento, uma escuta dócil e um seguimento. Esta atitude vem traduzida no Evangelho segundo João através do verbo ‘crer’ (πιστεύειν). Um ‘crer’ que tem um sentido ativo e dinâmico. Não é uma fé teórica mas uma fé vital que informa toda a vida do crente. É um ‘receber’ a Jesus (1,12;5,43;13,20), um ‘vir a ele’ (5,40;6,35.44;7,37), um ‘seguir’ a Jesus (8,12;10,27); um ‘permanecer’ nele, em sua palavra e em seu amor (15,4; 8,31;15,7.9). É uma atitude ativa ou vital. No Evangelho segundo João, ‘crer no seu nome’ significa crer na sua pessoa aderindo a ele e seguindo-o. Trata-se duma fé confessional, que implica adesão e seguimento e, portanto, mudança de quadro de vida. No Evangelho segundo João Jesus não dá crédito aos que creem em seu nome apenas por verem seus sinais milagrosos, como acontece nos sinópticos. A fé nos sinópticos é a expectativa confiante que as pessoas põem nele, a confiança na força de Deus (δύναμις) que age nele, e à qual Jesus responde com curas e milagres. No Evangelho segundo João,

‘crer’ é aceitar sem reserva a pessoa de Jesus e o que ele significa, isto é, aceitá-lo como Messias, Filho de Deus, enviado pelo Pai como sua Palavra e revelação. É uma fé que se traduz mais por uma vivência do que por uma ideologia. Mais que uma forma de pensar é uma forma de viver. “Não é uma fé intelectual num dogma teórico, mas uma atitude de adesão vital”<sup>111</sup>. Uma atitude que se traduz no Evangelho do seguinte modo:

- Viver na verdade (3,21).
- Permanecer nele e no amor (6,56; 15, 4-7.10).
- Guardar a palavra e os preceitos (14,15; 14,23).
- Testemunhar (9,22; 12,42).

Há ainda alguns verbos que traduzem esta atitude tais como:

- Buscar (ζητέω)<sup>112</sup>.
- Fazer (ποιέω)<sup>113</sup>.
- Praticar (πράσσω)<sup>114</sup>.
- Trabalhar (ἐργάζομαι)<sup>115</sup>.

Estes verbos põem em evidência que a fé se trata de uma vida informada por uma decisão fundamental do homem que crê<sup>116</sup>. São verbos ativos que indicam uma atitude vital enquanto empenho humano.

Mas o verbo que mais indica empenho vital do homem é o verbo ‘amar’ - ἀγαπάω - (8,42; 13,34ss; 14, 15; 15,9-10). É um verbo que aparece como consequência e exigência da fé<sup>117</sup>. João Evangelista usa mais o verbo ἀγαπάω que o substantivo ἀγάπη. Isto significa que João Evangelista não faz uma exposição abstrata acerca do amor, mas uma exposição de uma atitude concreta que informa toda vida do crente. O verbo ἀγαπάω

---

<sup>111</sup> J. KONINGS, *Evangelho Segundo João, Edições Loyola, São Paulo, 2005*, p. 364.

<sup>112</sup> Em 5,44 Jesus reprova os judeus de Jerusalém por não buscarem a glória de Deus mas a glória própria. Em contraste com eles está Jesus, que não busca o prestígio próprio mas o daquele que lhe enviou (7,18; 8,50).

<sup>113</sup> O verbo ‘fazer’ (ποιέω), em várias passagens, aparece como um atuar segundo Deus ou segundo o “diabo”: é um ‘fazer’ as obras de Deus (6,28); ‘fazer’ a vontade de Deus (7,17); ‘fazer’ as obras de Cristo (14,12), segundo o seu exemplo (13,15-17); ‘fazer’ a verdade (3,21); ‘fazer’ o bem (5,29); ou, ‘fazer’ as obras do diabo (8,41).

<sup>114</sup> O verbo praticar (πράσσω) tem o mesmo sentido que ‘fazer’. Quem pratica o bem ressuscita para a vida eterna e quem pratica o mal ressuscita para a condenação (5,29).

<sup>115</sup> O verbo trabalhar (ἐργάζομαι), mais que os anteriores, salienta o aspeto ativo da fé. Temos de ‘trabalhar’ enquanto é dia porque vem a noite na qual ninguém pode mais ‘trabalhar’ (9,4).

<sup>116</sup> Cf. G. G. DORADO, *Moral e Existencia cristianas en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciencias Morales, Madrid, 1989, p. 137, p. 141.

<sup>117</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 141.

“expressa o amor que surge do conhecimento de alguns valores que impulsionam a uma escolha e provocam um amor operante”<sup>118</sup>. No quadro seguinte comparamos as ocorrências destes termos no Novo Testamento:

|                | João | Sinópticos | Paulo |
|----------------|------|------------|-------|
| “amar”(ἀγαπάω) | 36x  | 26x        | 33x   |
| “amor”(ἀγάπη)  | 7x   | 2x         | 75x   |

Verificamos que o verbo ἀγαπάω aparece mais vezes no Evangelho segundo João do que no conjunto dos sinópticos, e também mais vezes do que em Paulo. Por sua vez verificamos que o termo ἀγάπη aparece com muita mais frequência em Paulo e muitas poucas vezes no Evangelho segundo João. Esta ocorrência concorda com a elevada frequência com que encontramos o verbo ‘crer’ (πιστεύειν), pois também a fé vem expressa no Evangelho segundo João mais por meio de verbos do que de substantivos. João Evangelista evita o termo abstrato πίστις e emprega constantemente o verbo πιστεύειν que realça melhor o carácter ativo do crer. O seguinte quadro mostra essa ocorrência:

|                   | João | Sinópticos | Paulo |
|-------------------|------|------------|-------|
| “crer”(πιστεύειν) | 98x  | 34x        | 54x   |
| “fé”(πίστις)      | 0x   | 23x        | 142x  |

Como vemos, o termo ‘crer’(πιστεύειν) aparece mais no Evangelho segundo João do que nos Sinópticos e em Paulo juntos. Ao contrário, o termo ‘fé’ (πίστις) não aparece nenhuma vez no Evangelho segundo João e muitas vezes nos Sinópticos e em Paulo.

A conclusão é óbvia: para João Evangelista interessa mais o exercício do ‘crer’ e do ‘amar’ do que os conceitos abstratos da ‘fé’ e do ‘amor’. Nesta perspectiva, podemos dizer que o crer e o amar resumem todos os verbos que vimos anteriormente. “Crer e amar são as duas máximas atitudes dos seguidores de Jesus e constituem a essencial resposta do cristão

<sup>118</sup> A. GARCIA-MORENO, *Introducción al Misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p.184.

à revelação de Deus”<sup>119</sup>. De facto, os temas fundamentais do Evangelho segundo João são a fé e o amor<sup>120</sup>. O amor como consequência e exigência da fé e a fé como fundamento do amor<sup>121</sup>. João Evangelista apresenta o amor como a manifestação da fé que já se possui. A fé marca o início do amor, apesar de operar através do mesmo amor. O sentido do verbo ‘crer’ no Evangelho segundo João, encerra em si uma atitude de entrega e confiança que leva a amar a pessoa em quem se crê<sup>122</sup>. Mais do que a energia carismática dos sinópticos, a fé aparece como decisão fundamental diante do Enviado de Deus. É uma adesão a Jesus na imitação da sua vida e do seu amor oblato. O uso do verbo ‘crer’ (πιστεύειν), em detrimento do uso do substantivo ‘fé’ (πίστις), indica isto mesmo: não se trata de uma fé abstrata, mas de uma fé concreta; uma fé que se centra na atitude prática do homem crente<sup>123</sup>. O próprio Jesus diz: “Vós sereis meus amigos – meus discípulos -, se fizerdes o que eu vos mando” (15,14). No Evangelho segundo João não basta o mero discipulado formal - um crer utopicamente no mestre. Jesus mesmo denunciou os falsos discípulos ou seus falsos seguidores. Muitos se sentem atraídos a ele só pelo mero proveito material dos seus sinais. Outros ainda creem nele mas não são capazes de o confessar publicamente por medo dos fariseus, pois, como sentenciou o mesmo Jesus, “amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (12,43). Tão pouco é seu discípulo aquele que o segue apenas fisicamente, afastando-se dele quando encontram duras algumas das suas palavras (cf. 6,55ss). O discípulo autêntico de Jesus se caracteriza, pois, pelo aceitar sua Palavra não só formalmente ou idealisticamente mas efetivamente, ajustando a sua vida e os seus comportamentos à mesma, num compromisso de seguimento e entrega total no amor. Como diz Johan Konings, “aderir a Jesus é algo mais que entusiasmar-se com sua beleza e seu poder; é assimilar o escândalo da cruz, seguindo-o (12,26)”<sup>124</sup>. Para tal fé, o entusiasmo suscitado pelos sinais milagrosos não fornece base suficiente, embora possa ser um primeiro passo no reconhecimento de Jesus como Messias. O caso de Nicodemos é exemplificativo disso. Nicodemos ficou impressionado com os milagres de Jesus e

---

<sup>119</sup> G. G. DORADO, *Moral e Existencia cristianas en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciencias Morales, Madrid, 1989, p. 154.

<sup>120</sup> Cf. PEDRO FIGUEIREDO, *A Questão do Logos e os Discursos de Jesus no Evangelho de São João*, Edições Universitárias Lusófonas, 2008, p. 31.

<sup>121</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 141.144.

<sup>122</sup> Cf. J. CABA, *o.c.*, p. 171.

<sup>123</sup> Cf. J. CABA, *o.c.*, p. 145.

<sup>124</sup> J. KONINGS, *Evangelho Segundo João*, Edições Loyola, São Paulo, 2005, p. 113.

reconheceu o valor profético dos mesmos. Porém, Jesus diz-lhe que deve nascer de novo e não simplesmente de novo, mas do alto (3,3). Nascer de novo e do alto significa para ele aderir a Jesus. Mas isso significa cortar os laços com o seu passado e com o próprio farisaísmo. E isto é muita coisa para alguém que, por medo de ser visto pelos fariseus, procura Jesus durante a noite. Este renascimento que Jesus pede representa um salto qualitativo para uma realidade de nível superior, não mais ‘carne’, mas ‘Espírito’ (3,7-8). Quem nasce do Espírito (do alto) passa por uma transformação radical, por uma opção fundamental que determina toda a vida em ordem ao seguimento de Jesus: “O que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito!” (3,6). Quem nasce do Espírito é pessoa totalmente informada pelo Espírito de Deus, para dar início a uma vida nova. Portanto, crer em Jesus é ter a ousadia de iniciar um tempo novo, uma vida nova. Para isso, é necessária a confiança e ousadia próprias fé. Ousadia que consiste em responder com amor ao amor primeiro de Deus. A fé não é senão uma ousadia do amor na forma de uma correspondência ao amor primeiro de Deus, oferecido em Jesus Cristo. Como diz Garcia-Moreno, “a fé é a resposta amorosa ao amor de Deus manifestado em Cristo”<sup>125</sup>. E ainda, como diz Guillermo Dorado, “a fé como atitude ativa, no domínio da vontade humana, é já um ato de amor a Deus”<sup>126</sup>. Portanto, ser discípulo é sobretudo crer e amar.

## ***1.2. O uso linguístico do verbo “crer” (πιστεύειν)***

Vamos analisar as mais importantes expressões linguísticas que ocorrem no Evangelho segundo João no que se refere à fé, a fim de a compreendermos melhor. Com base no verbo ‘crer’ (πιστεύειν), temos as seguintes expressões:

πιστεύειν εἰς com acusativo: 36 vezes

πιστεύειν absoluto: 30 vezes

πιστεύειν com dativo: 18 vezes

πιστεύειν ὅτι: 13 vezes

---

<sup>125</sup> A. GARCIA-MORENO, *Introducción al Misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p.168.

<sup>126</sup> G. G. DORADO, *Moral e Existencia cristianas en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciencias Morales, Madrid, 1989, p. 154.

A construção mais frequente é πιστεύειν εἰς com acusativo que expressa concentradamente o objetivo joanino. A partícula εἰς indica um sentido de movimento da pessoa que crê para a pessoa em quem se crê; o acusativo representa a pessoa na qual se crê com um sentido de aceitação daquilo que o mesmo é<sup>127</sup>. Um exemplo deste movimento de adesão à pessoa em quem se crê, é o cego de nascença. Ao encontra-lo, após a sua cura, Jesus lhe pergunta: “Crês no Filho do homem (πιστεύεις εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου)?” (9,35); ao que responde o cego: “Creio, Senhor”.

Quanto ao uso absoluto de πιστεύειν, pode encontrar-se na atitude de fé do funcionário real diante da cura do seu filho: “creu ele e toda a sua casa” (4,53). Este uso absoluto do verbo ‘crer’ indica a aceitação de uma vida nova<sup>128</sup>.

O πιστεύειν com dativo é uma fórmula também muito frequente no Evangelho segundo João. Não tem um sentido substancialmente distinto de πιστεύειν εἰς com acusativo. É uma expressão que vem muitas vezes atribuído não só a Jesus e às suas Palavras, mas também a outras pessoas e coisas como objeto de fé: o Pai que enviou a Jesus (5,24), a Escritura (2,22), Moisés (5,46) ou seus escritos (5,47), as obras (de Jesus) (10,38). Quando não vem referido à pessoa de Jesus, designa o testemunho a favor de Jesus, ou melhor, todas as pessoas e coisas que testemunham a favor de Jesus<sup>129</sup>. Por exemplo, em relação à Palavra de Jesus encontramos os textos: “Creram (os discípulos) na Escritura (τῇ γραφῇ), e na palavra (τῷ λόγῳ) que Jesus tinha dito” (2,22). E ainda: “O homem creu na palavra (τῷ λόγῳ) que Jesus lhe disse” (4,50). Em relação à pessoa de Jesus, pode-se ver a mulher samaritana a quem Jesus diz: “crê em mim (μοι) mulher” (4,21); e ainda de modo mais claro diz Jesus aos discípulos: “Crede em mim (μοι) que estou no Pai, e o Pai em mim”. Portanto, o sentido do verbo ‘crer’ com dativo seria ter confiança na pessoa de Jesus, ou aceitar as suas palavras dando-lhes credibilidade<sup>130</sup>.

Nas passagens em que se junta a πιστεύειν uma frase com ὅτι dizem o seguinte: que para João Evangelista é Jesus Cristo o único ‘objecto’ e ‘conteúdo’ da fé. Todas estas passagens contêm confissões de fé em Jesus como o Cristo e Filho de Deus, ou

<sup>127</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 149.

<sup>128</sup> Cf. J. CABA, *o.c.*, p. 150.

<sup>129</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 547.

<sup>130</sup> Cf. J. CABA, *o.c.*, p. 149.

formulações cristológicas que desenvolvem e aprofundam a confissão fundamental (6,69; 11,27; 20,31a). Portanto, o sentido é o mesmo que o de πιστεύειν εἰς com acusativo<sup>131</sup>.

### ***1.2.1. Conceitos afins***

Temos ainda outras expressões afins ao verbo ‘crer’ utilizadas no Evangelho segundo João e que vamos aqui analisar. Também estas destacam uma vez mais a centralidade do tema da fé. São expressões como: ‘receber’ a Jesus, ‘receber’ seu testemunho, ‘receber’ suas palavras, ‘vir a ele’, ‘escutar sua voz e sua palavra’, ‘seguir’ a Jesus, ‘permanecer’ nele, ‘permanecer’ em sua palavra, ‘permanecer’ em seu amor, ‘ver’, ‘conhecer’, ‘confessar’ e ‘ser discípulo’<sup>132</sup>. Logo no prólogo, diante de Jesus que “veio para o que é seu”, vemos anunciado que alguns “não o receberam” (1,11) enquanto outros “o receberam” (1,12). Esta passagem do prólogo sugere a imagem de alguém que chega. É um vir de Jesus aos homens que pode ser correspondido pelos crentes com um ‘vir a ele’. Por exemplo, em 6,35 temos a expressão ‘vir a’ (ἐρχόμενος πρὸς) que está em paralelo com πιστεύειν εἰς. Do mesmo modo, em 1,12 estão em paralelo as expressões ‘o receberam’ (ἔλαβον αὐτόν) e πιστεύειν εἰς. Também, em 7,37-38, o convite de Jesus: “o que tem sede, venha a mim e beba” (7,37), está em paralelo com a expressão seguinte “quem crê em mim...” - ὁ πιστεύων εἰς ἐμέ (7,38), confirmando explicitamente o sentido da fé aqui presente. Assim vemos que o ‘vir’ dos primeiros discípulos a Jesus (1,40.47s) e também de outros homens (cf. 3,2.26; 4,30) pode entender-se, segundo esta perspectiva, como algo mais profundo do que o mero aproximar-se externo<sup>133</sup>. Outras expressões que traduzem o acto de fé é o ‘seguir’ e o ‘ouvir’. Em 10,4.27 encontramos as ovelhas que ‘seguem’ a voz do pastor, com um ‘ouvir’ de fé na voz de Jesus (10,3.8.16.27). Portanto, crer significa também um ‘prestar ouvidos’ à voz e às palavras de Jesus (cf. 5,24; 6,45; 8,43.47; 12,47;18,37) no sentido de obedecer e seguir. Aqui se mostra a correspondência entre a revelação, que se produz principalmente com a Palavra de Jesus, e a fé por parte do homem. Ora bem, o ‘prestar ouvidos’ deve ser um prestar ouvidos internamente, um

<sup>131</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 548.

<sup>132</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 145.

<sup>133</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. I, p. 549.



‘aprender’ do Pai (6,45) e um aceitar, guardar e seguir (cumprir) as palavras do Revelador (cf. 8,51s; 14,23s; 15,20; 17,6). Temos ainda a expressão ‘permanecer’ no sentido de uma vida em Jesus por meio da vivência da sua palavra (8,31) e da prática do seu amor (15,9-10). Outros verbos ainda, que caem dentro do âmbito do ‘crer’, são o ‘ver’ (ὁράω) (6,40; 12,45) e sobretudo o ‘conhecer’ (γινώσκειν). Se trata de um ‘ver’ a Jesus na fé, como quem reconhece nele o Filho de Deus. Este ‘ver’ da fé é uma característica particular do Evangelho segundo João. Quanto ao emprego do verbo ‘conhecer’ (γινώσκειν) percebemos a sua afinidade com o ‘crer’ (πιστεύειν), sobretudo em algumas passagens que estão em paralelo (comparar 10,38a com 10,38b; 14,7 com 14,10; 17,8b com 17,8c; 17,21d com 17,23c). Sendo assim, este conhecer indica também um reconhecimento na fé de Jesus como o enviado do Pai. O crer joanino está também marcadamente orientado para o ‘confessar’ - ὁμολογείν (1,20; 9,22; 12,42). Trata-se de uma fé em Jesus que se verifica na forma de uma confissão de fé, uma confissão cristológica<sup>134</sup>.

Finalmente, a fé joanina se situa em íntima proximidade com a condição de discípulo. No Evangelho segundo João o conceito de discípulo (cf. 4,1; 6,60.66; 7,3; 8,31; 9,28; 19,38), diz quase o mesmo que ‘crer em Jesus’ em sentido pleno. Nos discípulos se pode reconhecer (como que em modelos) o que deve ser a fé autêntica e plena: decidida adesão a Jesus, permanência perseverante junto dele - ainda quando se haja de vencer o escândalo (σκανδαλον) do seu discurso (cf. 6.60s.66) -, permanência em sua palavra (8,31) e confissão declarada de fé nele (cf. 9,28-38)<sup>135</sup>.

## ***2. A fé e a incredulidade como decisão***

Com vimos, o verbo ‘crer’ e seus conceitos afins mostram efetivamente que a fé joanina consiste na aceitação da revelação proclamada por Jesus; aceitação deste mesmo e único revelador e mediador da salvação, com franca confissão de fé; união pessoal a ele no seguimento e no amor manifesto em obras. De facto, estas expressões constituem uma chave de leitura de todo o Evangelho. Através delas a narrativa evangélica dá lugar ao

---

<sup>134</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 550-551.

<sup>135</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. I, p. 551.

drama da fé e da incredulidade. No Evangelho segundo João a fé e a incredulidade aparecem sempre como atitudes opostas, de modo que, a partir de uma se pode definir a outra. Deste modo, podemos dizer que a incredulidade é um ‘não crer em Jesus’, ‘não recebê-lo’, ‘não vir a ele’, ‘não escutar sua voz e sua palavra’, ‘não segui-lo’, ‘não permanecer nele’, ‘não ver’, ‘não conhecer’, ‘não confessar’ e ‘não ser seu discípulo’. Estas duas atitudes aparecem sempre no contexto do encontro com Jesus. Na verdade, como diz Valério Mannucci, “a palavra de Jesus não deixa nenhum homem como era antes, mas obriga-o a mostrar sem compromissos o seu verdadeiro rosto”<sup>136</sup>. Perante a revelação de Jesus, realizada na forma de convite à fé, o homem não pode permanecer neutro. O homem tem que decidir entre a acolhida ou a rejeição. Já desde o prólogo vemos que na sua vinda ao mundo a ‘luz’ se encontra com uma dupla resposta: “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a quantos o receberam, aos que crerem nele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (1,11-12). Em linhas gerais podemos dizer que há um dualismo muito marcado no Evangelho; o dualismo entre os seguidores de Jesus e os seus opositores. Os homens se separam em duas frentes muito distintas: os que acolhem a luz e os que a rejeitam<sup>137</sup>. Encontramos no Evangelho segundo João quase uma antropologia que classifica os homens em duas categorias: os do alto e dos de baixo, os da verdade e os do mundo, os que são de Deus e os que não são de Deus, os que são da verdade e os que são filhos do pai da mentira<sup>138</sup>. Às vezes até parece insinuar que são tais por natureza e que, portanto, são irresponsáveis pela sua orientação, parecendo com isso indicar um determinismo ontológico. Por exemplo: “Vós sois cá de baixo; Eu sou lá de cima! Vós sois deste mundo; Eu não sou deste mundo” (8,23); “Vós tendes por pai o diabo, e quereis realizar os desejos do vosso pai” (8,44); “Quem é de Deus escuta as palavras de Deus; vós não as escutais, porque não sois de Deus” (8,47); “Vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas escutam a minha voz” (10,26-27). “Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz” (18,37). Contudo não há aqui nenhum determinismo ontológico, nem nenhuma predestinação ou predeterminação. Como diz R.Schnackenburg, trata-se de discursos teológicos que se resolvem desde o ponto de vista teológico do

---

<sup>136</sup> V. MANNUCCI, *Bíblia - Palavra de Deus*, Edições Paulinas, São Paulo, 1986, p. 89.

<sup>137</sup> Cf. J. M. MARTIN-MORENO, *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001, p. 21-22.

<sup>138</sup> Cf. G. G. DORADO, *Moral e Existencia cristianas en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciencias Morales, Madrid, 1989, p. 50.

autor<sup>139</sup>. João Evangelista acentua apenas o negativo para que ressalte o aspeto positivo. Ele não pretende definir metafisicamente a natureza do homem, mas apenas a sua condição ética em relação a Jesus<sup>140</sup>. Portanto, João Evangelista não entra no problema teológico da predestinação ou da predeterminação.

Também a passagem de 6,44 (“ninguém pode vir a mim, se o Pai não o atrair”) parece dizer que a fé deriva quase exclusivamente da graça e não da decisão humana. Mas isto também é corrigido de seguida em 6,45 (“todo o que escuta o Pai e aprende (μαθὼν) vem a mim”). Este verbo aprender do versículo 6,45 tem o sentido de ‘se deixa doutrinar’. Exortando Jesus a deixar-se doutrinar pelo Pai, aponta claramente que o ir ao Pai depende da opção do ouvinte, que o Pai não suprime<sup>141</sup>. Isto aponta no sentido de que “a fé e a incredulidade são decisões”<sup>142</sup>. A ideia fundamental é de que o Pai, ao ‘atrair’, se situa absolutamente no começo do ‘vir’ crente a Jesus<sup>143</sup>. Para João Evangelista não existe contradição pelo facto da fé ser, simultaneamente, uma decisão ou opção livre do homem e também uma graça divina. Ele situa as duas ideias em diferentes planos: está convencido que a fé inclui uma decisão e que esta apenas vem facilitada pela graça de Deus<sup>144</sup>. Como diz Carreira das Neves, “a salvação exige, da parte da pessoa, um ato consciente de decisão pela fé em Jesus Cristo... A salvação é, ao mesmo tempo, um ato do poder de Deus e um ato da responsabilidade humana. Pela parte que toca a Deus, Deus é sempre fiel em graça e verdade, mas, pela parte que toca ao homem, o homem pode falhar”<sup>145</sup>. Deus oferece a graça da salvação mas o homem tem de acolher na fé esse mesmo dom mediante uma atitude ativa. Por isso, nem sequer àqueles a quem é dada a graça divina estão dispensados da decisão e da responsabilidade pessoal (cf. 6,66-70). Em resumo, a fé é o resultado da ação de Deus que testemunha através de Cristo e nos dá a graça interior para aceita-la, e também o resultado da liberdade do homem, que reconhece a verdade do testemunho de

---

<sup>139</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p.558.

<sup>140</sup> Cf. G. G. DORADO, *Moral e Existencia cristianas en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciencias Morales, Madrid, 1989, p. 50.

<sup>141</sup> Cf. G. G. DORADO, *o.c.*, p. 50.

<sup>142</sup> KITTEL, G. (ed.), *Graden Lessico del Nuovo Testamento*, 14 vols., Brescia, Paideia, 1965-1984, p. 480.

<sup>143</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. I, p. 559.

<sup>144</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. I, p. 560.

<sup>145</sup> J. C. NEVES, *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 94.

Deus e se entrega voluntariamente a Cristo<sup>146</sup>. Estamos aqui diante do profundo mistério da cooperação de Deus e do homem.

Portanto, não podemos cair no erro da predestinação nem no erro de atribuir à graça aquela determinação da fé que pertence também à cooperação humana. Por conseguinte, não existe no Evangelho segundo João uma predestinação que suprime a decisão responsável do homem, nem uma graça divina que dispense a cooperação da decisão humana.

De facto, há uma série de passagens em que a incredulidade se explica por culpabilidade moral: amar (ἀγαπάω) mais as trevas do que a ‘luz’ (3,19ss); buscar a sua própria glória e não a glória de Deus (5,44); seus apetites e suas obras que os tornam como filhos do diabo (8,44); sua cegueira que é obsessão (9,39s); sua atitude que é endurecimento (cf. 12,39ss); um endurecimento que em si mesmo é culpa pessoal (9,40; 12,42s) quando não há o menor pretexto para a incredulidade a respeito do Filho de Deus que se verifica por palavras e obras (cf. 15,22ss); uma incredulidade meditada e voluntária diante da sua ação salvífica, que se torna pecado por antonomásia (16,9)<sup>147</sup>. Como vemos, estas passagens não acusam nenhum determinismo, mas antes uma ação livre da vontade humana. Temos ainda outras passagens em que Deus parece exigir a fé do homem e o reprova pela sua incredulidade. Mas, como veremos, trata-se de exigências em tom exortativo e não imperativo. Deus exige a fé do homem, mas não o obriga à mesma. Deus o reprova pela sua incredulidade mas não lhe retira a liberdade. Entre estas passagens, temos exigências imediatas (10,37s; 12,36; 14,11) e outras exigências em que a fé aparece como a única ‘obra’ requerida por Deus (6,29); encontramos também varias orações ἵνα que exigem ou reclamam a fé (1,7; 6,29s; 9,36; 11,15.42; 13,19; 14,29; 17,21; 19,35; 20,31<sup>a</sup>); temos participios condicionais que fazem da fé uma condição: 1,12; 3,15.16.18.36; 5,24; 6,35.40.47; 7,38.39; 11,25s; 12,44.46; 14,12; 20,31b; temos orações condicionais: 8,24; 11,40; cf. 8,31.51; 12,47; e, encontramos ainda exigências indirectas da fé (especialmente através da reprovação da incredulidade): 3,12; 4,48; 5,38.44.46.47; 8,45.46; cf. 15,22-24. Mas, como diz R.Schnackenburg, são apenas exigências de ordem moral que deixam ao

---

<sup>146</sup> Cf. A. GARCIA-MORENO, *Introducción al misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunote, Pamplona, 1997, p. 170.

<sup>147</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 560.

homem a decisão de crer<sup>148</sup>. Tudo isto não indica senão um dever moral de crer (6,29), e nunca uma obrigação. Todas estas exigências salientam apenas o desafio que Deus lança à liberdade humana. Assim, se reforça a ideia de que a fé não se considera irrealizável. A possibilidade da fé está aí. A comprovar isto está o facto de Jesus se voltar continuamente e de forma decidida a todos os ouvintes (cf. 8,15; 10,37s; 12,36), inclusive aos vacilantes (o povo) e até aos incrédulos ('os judeus'), reclamando a fé; de dirigir seu chamamento de uma forma pública e aberta (cf. 12,44-50), sem limitar-se de antemão a um círculo esotérico ('os seus'); de convidar a comunidade a proclamar a mensagem ao mundo e a ganhar novos crentes (cf. 17,18.20s). Além disso, ao longo do Evangelho, se sublinha com maior relevo a responsabilidade da própria decisão e o carácter culpável da incredulidade: o que não crê pronuncia o juízo contra si mesmo (3,18.36; 8,24; 12,48); a incredulidade se deve à falta de vontade (5,40; 7,17), é um pecado (8,21; 9,41; 16,9), e como tal culpável (15,22.24). Finalmente, a capacidade do homem para crer se demonstra pelo facto de que não poucos judeus creram efetivamente, apesar das contracorrentes da incredulidade e antipropaganda dos círculos dominantes (cf. 6,69; 7,31; 8,30s; 9,38; 10,42; 12,42; 17,8). João Evangelista não tem a menor dúvida de que a qualquer homem de boa vontade lhe é possível crer em Jesus. Ele vê que há uma ligação indissolúvel entre a fé e a atitude moral do homem<sup>149</sup>, pois teve a experiência da incredulidade de muitos judeus, que depois do aparecimento de Jesus e da proclamação da comunidade, deveriam realmente crer.

Para melhor esclarecer esta temática, vamo-nos deter agora em algumas passagens e expressões que nos parecem de capital importância no esclarecimento desta questão da incredulidade. Por exemplo em 5,40-44 Jesus reprova os judeus pela falta de vontade de irem até Ele para terem a vida e se seguida acusa-os de buscarem a sua própria glória: “Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único?” (5,44). Jesus conhece-os e sabe que o motivo das suas atitudes é não haver neles ‘o amor de Deus’: “a vós já vos conheço, e sei que não há em vós o amor de Deus” (5,42). Esta expressão ‘o amor de Deus’ (τοῦ θεοῦ) pode entender-se aqui também como ‘amor a Deus’ (genitivo objetivo), ainda que a teologia joanina afirme algo mais: um amor que responde a Deus e a seu amor<sup>150</sup>. Também José

<sup>148</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 327.

<sup>149</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. II, p. 328.

<sup>150</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *o.c.*, vol. II, p. 185.

Caba diz que esta expressão pode ser considerada um genitivo complexivo, isto é, no genitivo subjetivo e objetivo juntos; se trataria do amor que é ao mesmo tempo dom e resposta, dom que provém de Deus, e resposta que dá o homem<sup>151</sup>. Portanto, o motivo da sua incredulidade é não responderem a Deus com amor mediante a fé, pois, como já vimos atrás, a fé não é senão a resposta amorosa do homem ao amor de Deus manifestado em Cristo. Contudo, Jesus junta um segundo motivo ao primeiro: a busca da própria glória ou autoafirmação (5,44). Na verdade, os dois motivos formam um só: eles são incapazes de acreditar em Jesus porque buscam a honra própria e desejam serem reconhecidos e aceites pelos outros<sup>152</sup>. É um motivo que aparece também em outras passagens (7,18; 12,43) e constitui um ponto decisivo na argumentação joanina contra a incredulidade dos judeus. Em 12, 43 diz-se que “amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus”. Se antes se disse que os judeus que não tinham “o amor de Deus” (5,42) e que, em consequência, buscavam a própria glória (5,44), agora se diz que “amavam mais a glória dos homens que a glória de Deus”. O verbo ἀγαπάω é aqui importante para precisar o sentido desta busca da própria glória. Este verbo indica “uma decisão voluntária e firme nascida de uma convicção”<sup>153</sup>. Portanto, a explicação da incredulidade baseia-se numa decisão livre da vontade humana e não em nenhum determinismo ou predestinação.

Outra passagem é a de 9,39-41. Os judeus incrédulos são aqui qualificados de cegos, ou melhor, de se fazerem cegos (9,39-41). Eles representam aqueles que, vendo a luz, a rejeitam e se arvoraram em juízes dela, permanecendo na cegueira: “Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem sejam cegos” (9,39). Eles são cegos porque são autossuficientes, porque se fiam das suas próprias luzes, em oposição aos humildes, dos quais o cego é o símbolo (cf. Dt 29,3; Is 6,9s; Jr 5,21; Ez 12,2)<sup>154</sup>. Eles não são cegos mas fazem-se a si mesmos cegos, por uma opção da vontade, pois não querem ver. Como diz o advérbio: ‘Os piores cegos são os que não querem ver’. Os fariseus veem fisicamente mas não abrem o seu coração e vontade para ver a luz que é Cristo. Como diz R. Schnackenburg, a sua cegueira é a sua obsessão na incredulidade<sup>155</sup>.

---

<sup>151</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 188.

<sup>152</sup> Cf. G. CARON, *Qui sont les Juifs de l’Evangile de Jean?*, Bellarmin, Paris, 1997, p.146.

<sup>153</sup> A. GARCIA-MORENO, *Introducción al misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunat, Pamplona, 1997, p.185.

<sup>154</sup> Cf. *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 1997.

<sup>155</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. II, p. 321.

Por isso, permanecem no pecado: “Se fósseis cegos, não teríeis pecado; mas como dizeis que vedes, o vosso pecado permanece” (9.41). Este estado de ‘pecado que permanece’ anuncia perentoriamente a culpabilidade da atitude não crente dos judeus. É um pecado que se entende como rebeldia contra Deus, rejeição da sua oferta salvífica, endurecimento na obstinação humana. Não se trata de pecados particulares mas do ‘pecado’ em si, como atitude contrária a Deus<sup>156</sup>. Com a expressão, ‘pecado’, somos colocados diante de outras palavras que são a responsabilidade e a liberdade. Isto diz-nos que este ‘pecado’ se trata de um ato ou atitude da liberdade ou da livre vontade humana. São os atos dos homens que na sua liberdade se posicionam voluntariamente na região da incredulidade. Mais uma vez, não verificamos aqui nenhum determinismo, mas apenas liberdade de opção. A salvação ou a condenação dependem só e exclusivamente da liberdade humana.

Em 3,16-21, após explicar que o envio do Filho de Deus ao mundo só teve por objeto a salvação do homem e não a condenação (vv. 16-17), o Evangelho segundo João dá a entender que a condenação é resultado da incredulidade: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus” (v.18). Depois explica que a incredulidade que leva à condenação não é senão uma escolha da vontade humana: “E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz” (v.19). Aqui nos interessa apenas analisar o verbo ἀγαπάω que, como vimos antes, significa uma decisão voluntária e firme nascida de uma convicção, ou ainda, “um amor que nasce de uma opção”<sup>157</sup>. Segundo R. Schnackenburg a ideia fundamental que nos dá esta passagem do Evangelho, é de que aquele que não crê pronuncia sobre si mesmo, com a sua decisão presente, a sua sentença<sup>158</sup>. Deste modo, também aqui verificamos que a condenação e a incredulidade, não é senão uma decisão livre da pessoa humana (rejeição voluntária da salvação oferecida por Deus). Jesus não foi enviado ao mundo para condenar o mundo (v. 17), mas, no entanto, a condenação está aí. É a sua revelação, a sua palavra, que produz, não por culpa sua, uma

---

<sup>156</sup> João aplica este termo “pecado” no singular, dando com ele a entender que todos os pecados imagináveis convergem no essencial: ser opção pelas trevas e rejeição da luz (3, 19ss). João o apresenta como força essencialmente diabólica e escravizadora do homem (8, 14). A expressão “pecado” não se situa em contexto ético mas num contexto de decisão, de crise, de divisão. Num contexto escatológico. João não define especificamente o pecado. Se limita a denunciar, com o nome em singular, atitudes ou situações de culpa diante da fé, e não nos atos isolados (Cf. G. G. DORADO, *Moral e existência cristiana en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciências Morales, Madrid, 1989, p. 57).

<sup>157</sup> J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 173.

<sup>158</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p. 465.

condenação<sup>159</sup>. Diante dele os homens tiveram que se posicionar mediante a fé ou a incredulidade. Deus fez tudo para arrancar os homens das trevas, e seu Enviado fez-se acreditar diante deles com suas palavras e obras (cf. 10,37s; 15,22ss); assim, a culpa só pode ser dos homens que se negam conscientemente a crer, não obstante contemplarem factos irrefutáveis.

O próprio Jesus se lamenta diante da perversão da vontade humana que o rejeita ‘sem razão’, ao dizer: “Se, diante deles, Eu não tivesse realizado obras que ninguém mais realizou, não teriam culpa; mas agora, apesar de as verem, continuam a odiar-me a mim e ao meu Pai. Tinha, porém, de se cumprir a palavra que ficou escrita na sua Lei: Odiaram-me sem razão” (15,24-25). Estamos aqui diante de um ódio cego e gratuito; um ódio ‘sem razão’, como diz Jesus. Portanto, este ódio sem motivo indica uma opção ou decisão do coração humano. Como nos diz Bento Silva Santos, “o Evangelho de João insiste no aspeto voluntário e obstinado do pecado dos judeus incrédulos. A fé e a incredulidade não são apenas reflexo de uma convicção intelectual do homem, mas uma posição existencial”<sup>160</sup>. No encontro com Jesus há, portanto, duas possibilidades oferecidas à vontade humana: amar ou odiar. Odiar, rejeitando a Jesus, e amar, seguindo e aderindo a Ele na fé. Jesus exorta a amar mas não obriga ninguém. O homem fica absolutamente livre. Até mesmo quando Jesus dá um mandamento aos seus discípulos ele o faz em tom exortativo e não doutro modo. Por exemplo em 15,9 quando Jesus exorta a permanecer no seu amor (“Permanecei (μείνατε) no meu amor”), Ele usa um imperativo (μείνατε) em tom exortativo<sup>161</sup>. Até o mandamento novo do amor (15,12: “É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei”) não está imposto de modo autoritário. Não se utiliza o verbo ‘mandar’ (κελεύω) nem o substantivo ‘lei’ (νόμος); mas se usam termos tais como ἐντολή e ἐντέλλομαι, que são próprios para expressar, num discurso de adeus e de despedida, a última vontade de quem se despede<sup>162</sup>. De facto, o mandamento novo se integra no discurso de despedida de Jesus. Portanto, não se trata de uma obrigação dada aos homens mas de uma última manifestação da vontade de Deus a nosso respeito; uma vontade de amor que por sua própria natureza não se impõe mas convida. O Deus que nos

---

<sup>159</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *El Evangelio Según San Juan*, Barcelona, 1980, vol. I, p.465.

<sup>160</sup> B. S. SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994, p. 296.

<sup>161</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p. 191.

<sup>162</sup> Cf. J. CABA, *o.c.*, p. 195.



amou em seu Filho, espera a nossa resposta de amor. Uma resposta semelhante à sua. Ele próprio se faz nosso modelo em seu amado Filho. O Filho, no cumprimento da vontade do Pai e na sua doação aos homens, se apresenta como modelo de doação perfeita e resposta exemplar do homem a Deus e ao próximo. Mediante a sua morte e paixão Jesus realiza perfeitamente a doação do homem a Deus e ao próximo. Uma doação consciente e livre, como ele mesmo o diz: “Ninguém me tira a vida, mas sou Eu que a ofereço livremente” (10,17-18). Jesus caminha conscientemente para a paixão para que o mundo saiba que ele ama o Pai, e que faz como o Pai lhe mandou (cf. 14,31a). Porém, Jesus não caminha sozinho para a sua paixão; antes, ele ordena que os discípulos o sigam: “Levantai-vos, vamo-nos daqui” (14,31b). Jesus faz dos discípulos participantes do seu caminho de doação e paixão de amor até ao fim. Com isto, quer significar que o caminho dos discípulos é um caminho semelhante ao seu: caminho de amor-doação até ao fim (cf. 13,1). Significa que não era apenas ele que devia ‘ir’ em direção ao cumprimento da vontade do Pai, mas também os seus discípulos com Ele<sup>163</sup>. Jesus é o modelo da nossa resposta. É isto que significa a fé enquanto caminho de seguimento e de adesão a Jesus. Portanto, a fé é decisão e empenho. É uma doação de vida. Não é uma mera decisão, mas um empenho que envolve toda a vida do crente. E isto se realiza mediante uma decisão livre e responsável do homem. Esta doação de amor, característica da fé, não é possível senão como uma decisão livre da pessoa. Mas para que o homem se faça amor-doação é necessário que, antes, tenha experimentado o amor de Deus que “nos amou por primeiro” (1 Jo 4,19). Para que o homem dê uma resposta de amor, deve primeiro ter acolhido antes o amor manifestado por Deus em Jesus<sup>164</sup>. Podemos até dizer que a revelação do amor de Deus se deu em ordem à resposta de amor dos homens na fé.

Mas isto criou também a possibilidade da rejeição desse amor revelado. Com a revelação total do amor de Deus na cruz se abre a possibilidade da rejeição total do homem a Deus. Com isto dá-se pela primeira vez a possibilidade do verdadeiro ateísmo como nos diz Baltasar: “Os abismos postremos da liberdade contrária a Deus escancaram-se quando Deus, na liberdade do seu amor, se decide a ‘descer’ (κενόω) a todos os abismos de perdição do mundo. Com esta descida, desvela-os: para si próprio, ao querer experimentar o

---

<sup>163</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Levantai-vos! Vamos!*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004, p. 178.

<sup>164</sup> Cf. J. CABA, *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007, p.209.

abandono de Deus; para o mundo que nas dimensões do amor de Deus só agora mede todo o espaço da liberdade que ele próprio pode utilizar contra Deus. Doravante, é possível sondar as “profundidades de Satanás” (Ap 2, 24). Doravante, tornou-se possível, pela primeira vez, um ateísmo autêntico, consciente, que antes não podia existir, em virtude da ausência de um conceito genuíno de Deus”<sup>165</sup>. É esta possibilidade da rejeição do Deus totalmente revelado em Jesus Cristo que o prólogo nos apresenta em forma de síntese de todo Evangelho: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (1,11).

Fica assim esclarecida a intuição fundamental deste trabalho: o que determina a fé em detrimento da incredulidade ou vice-versa é a decisão livre da pessoa humana. A fé é a decisão livre de quem decide seguir a Jesus, enviado de Deus; é o primeiro e livre passo do homem em direção a Deus<sup>166</sup>. Parece-nos que para o Evangelho segundo João é o homem em sua liberdade e autonomia que decide optar pela fé ou pela incredulidade. Assim, a fé ou a incredulidade é uma atitude que depende única e exclusivamente da decisão humana<sup>167</sup>.

---

<sup>165</sup> H. U. VON BALTASAR, *Só o Amor é Digno de Fé*, Assírio & Alvin, Lisboa, 2008, p. 82-83.

<sup>166</sup> Cf. R. LATOURELE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973, p. 432.

<sup>167</sup> Quanto às razões profundas do coração humano, no que diz respeito à preferência de uma em detrimento da outra, é uma questão que ultrapassa os objetivos deste trabalho.

## CONCLUSÃO

O Verbo de Deus foi enviado pelo Pai para salvar a humanidade. Ele encarnou e tornou-se sinal visível de salvação para todos. Na sua carne vimos a glória de Deus e podemos atestar que ele é Deus de Deus e luz da luz. Ele é a Palavra de Deus *ad extra*. A sua interpelação à fé tornou-se perceptível para todos. Mas nem todos responderam com fé ao seu apelo. Houve homens que rejeitaram a sua salvação e permaneceram na incredulidade. As reações de fé e de incredulidade que constatamos ao longo do Evangelho segundo João nos mostram que os homens se separaram em duas frentes muito distintas: os que acolheram o revelador e os que o rejeitaram. Verificamos que há um notório dualismo entre os seguidores de Jesus e os seus opositores.

Ora, isto indica que a fé e a incredulidade são uma decisão do homem que pode optar por corresponder ou não ao apelo do revelador. Isto nos mostra que a salvação não acontece mediante uma atitude recetiva do homem do dom da salvação, oferecido gratuitamente por Deus, mas através de uma atitude ativa do homem que acolhe o dom oferecido. É o homem que se decide a aderir ou não a Jesus. É o homem que tem de se dispor ativamente a acolher a Jesus, a optar por ele, e a viver a sua palavra. É o homem que tem de se apresentar com docilidade, disponibilidade incondicional e concordância da sua vontade com a vontade de Deus<sup>168</sup>. É preciso que o homem se disponha, se abra e aceite a proposta de salvação de Deus.

A fé consiste precisamente nesta aceitação ativa da revelação proclamada por Jesus; na aceitação deste mesmo e único revelador e mediador da salvação - na união pessoal a ele no seu seguimento e no amor efetivo acompanhado de obras.

---

<sup>168</sup> Cf. D. MOLLAT, *São João Evangelista / Mestre de Espiritualidade*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1976, p. 88.

## BIBLIOGRAFIA

### **Fontes:**

*Bíblia Almeida On-line*, (<http://www.baptistlink.com/creationists/acf/indexacf.htm>).

*Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 1995.

*Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2008.

### **Bibliografia geral:**

AA.VV., *Anti-Judaism and the Fourth Gospel*, Published by Westminster John Press, Kentucky, 2001.

BALTASAR, H. U., *Só o Amor é Digno de Fé*, Assírio & Alvin, Lisboa, 2008.

BERGANT, D. – KARRIS, R. J., *Comentário Bíblico*, Edições Loyola, São Paulo, 2001, vol. III.

BROWN, R. E., *El Evangelio según San Juan*, Crisandad, 1979.

CABA, J., *Teologia Joanea*, BAC, Madrid, 2007.

COTHENET, E. – DUSSAUT, L. – FORT, P. – PRIGENT, P., *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*, Edições Paulinas, São Paulo, 1988.

CALLE, F., *A Teologia do Quarto Evangelho*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1978.

CARON, G., *Qui sont les Juifs de l'Évangile de Jean?*, Bellarmin, Paris, 1997.

*Concílio Vaticano II*, Editorial A.O., Braga, 1987.

DIEZ, F. M., *Crer em Jesus Cristo / Viver como Cristão*, Gráfica de Coimbra 2, Assafarge, 2007.

DORADO, G. G., *Moral e Existencia cristianas en el IV Evangelio y en las Cartas de Juan*, Instituto Superior de Ciencias Morales, Madrid, 1989.

FIGUEIREDO, P., *A Questão do Logos e os Discursos de Jesus no Evangelho de São João*, Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

FISICHELLA, R., *La Rivelazione / Evento e Credibilità*, CED, Bologna, 1986.

- GARCIA-MORENO, A., *Introducción al misterio – Evangelio de San Juan*, Ediciones Eunat, Pamplona, 1997.
- JOÃO PAULO II, *Levantai-vos! Vamos!*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004.
- KITTEL, G. (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, 14 vols., Brescia, Paideia, 1965-1984.
- KONINGS, J., *Evangelho Segundo João*, Edições Loyola, São Paulo, 2005.
- LATOURELE, R., *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, 4ª edição, S. Paulo, 1973.
- LEE, D. A., *Flesh and Glory*. The crossroad Publishing Company, New York, 2002.
- LEON-DUFOUR, X., *Lectura del Evangelio de Juan*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997.
- LEON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João*, Edições Loyola, S. Paulo, 1996.
- LOURENÇO, J. D., *O Mundo Judaico em que Jesus Viveu*, UCE, Lisboa, 2005.
- MANNUCCI, V., *Bíblia / Palavra de Deus*, Edições Paulinas, São Paulo, 1986.
- MARTIN-MORENO, J. M., *Personajes del Cuarto Evangelio*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2001.
- MATEUS, B. – BARRETO, J., *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, Edições Paulinas, São Paulo, 1989.
- MENDONÇA, J. T., *A Leitura Infinita / Bíblia e interpretação*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.
- MOLLAT, D., *S. João autor / Mestre de Espiritualidade*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1976.
- NEVES, J. C., *Escritos de S. João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994.
- SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, Barcelona, 1980.
- SANTOS, B. S., *Teologia do Evangelho de São João*, Editora Santuário, Aparecida, 1994.

SESBOUÉ, B., *Pensar e Viver a Fé no Terceiro Milénio*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001.

TUNI, J. – ALEGRE, X., *Escritos Joánicos e Cartas Católicas*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1997.

VIGNOLO, R., *Personaggi del Quarto Vangelo*, Glossa, Milano, 2003.

WENGST, K., *Interpretación del Evangelio de Juan*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1988.

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 2  |
| I. TRAÇOS LITERÁRIOS DO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO .....                      | 3  |
| 1. O estilo narrativo joanino.....  | 3  |
| 2. Unidade literária.....   | 4  |
| 3. Diálogo como forma literária e teológica.....                          | 5  |
| 4. O carácter dramático do Evangelho segundo João .....                   | 8  |
| II. A REVELAÇÃO EM ORDEM À FÉ.....  | 11 |
| 1. Os sinais.....   | 11 |
| 2. As palavras e os discursos.....  | 13 |
| 3. O testemunho.....  | 14 |
| 4. A manifestação visível da glória de Deus: a encarnação.....            | 17 |
| III. AS REAÇÕES DE FÉ E DE INCREULIDADE<br>NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO..... | 20 |
| 1. Jesus se manifesta diante do mundo.....                                | 21 |
| 1.1. A fé em Jesus, na Galileia e Samaria.....                            | 21 |
| 1.2. A frente da incredulidade dos “judeus”, em Jerusalém.....            | 25 |
| 1.2.1. O sentido negativo do termo “os judeus”.....                       | 32 |
| 2. A paixão de Jesus e a contemplação da glória.....                      | 34 |
| 3. A dupla resposta do homem à revelação de Deus.....                     | 38 |
| IV. A FÉ NO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO.....                                   | 41 |
| 1. Caracterização da fé no Evangelho segundo João .....                   | 41 |
| 1.2. O uso linguístico do verbo “crer” .....                              | 45 |
| 1.2.1. Conceitos afins.....   | 47 |
| 2. A fé e a incredulidade como decisão.....                               | 48 |

|                   |    |
|-------------------|----|
| CONCLUSÃO.....    | 58 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 59 |